

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua de Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBO A

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

II-Of

Biblioteca Municipal Central

LISBOA

CARTÃO 44

2 0273 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBO A

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

REFERIMO-NOS, ha dias, ás multas que continuam a ser applicadas por insuficiencia de franquia a todos os pacotes de jornais brasileiros e portuguezes do Brasil, expedidos pelas respectivas redacções para Portugal. Dissemos, então, que confiavamos na intervenção da Administração Geral dos Correios e Telegrafos junto dos Correios do Brasil para se remediarem os inconvenientes de tal situação. E confiados continuamos em que o sr. engenheiro Couto dos Santos se terá occupado do assunto evitando prejuizos e aborrecimentos, tanto mais para lamentar quando é certo que affectam a expansão de jornais da lingua portuguesa.

Por isso não solicitamos tambem para o caso a attenção do Ministerio dos Estrangeiros, a fim de pôr-se termo a uma situação que dura ha dois meses e que constitui mais um embaraço ás relações espirituais entre Portugal e o Brasil, tão prejudicadas já pelo excessivo custo das franquias postais, tanto ordinarias como aereas, do nosso para o país irmão.

* * *

A SOCIEDADE de Geographia acaba de editar o «Relato inédito do desembarque de el-rei D. Sebastião em Tangers», que José de Esaguy, o infatigavel investigador que na Sala Algarve agora realizou uma notavel conferencia acerca daquela antiga cidade portugueza de Marrocos, onde vive ha dez annos. Diz José de Esaguy que «sob o ponto de vista militar, a batalha de Alcacer foi plenamente ganha pelas hostes de el-rei D. Sebastião. A nova da derrota de El-Maluco foi levada a Fez, capital espiritual do Imperio, pelos mouros das cabildas proximas ao campo da luta; o irmão de El-Maluco fugira antes com cinco esquadões que ele desejava salvar de tão grande desgraça. Só muito instado, regressára oitenta quilometros de fuga, cobardemente, para se aproveitar do momento em que os portuguezes, embriagados pela victoria, haviam já abandonado as armas».

Tão documentada afirmação vem, patrioticamente, contribuir para a verdade historica da nossa esforçada accção em Marrocos.

* * *

O PROFESSOR do liceu de Lethria, e assistente de portuguezes, em Bordéus, sr. dr. Alfredo de Carvalho, publicou na revista de ensino secundario «Labor» um artigo «A Cultura Portuguesa em Bordéus — seculo XVI», para o qual merece chamar-se a attenção. Alude aos professores da nossa terra que passaram pelo Colegio de Guiana, em Bordéus, e nomeadamente os famosos mestres drs. Antonio de Gouveia, André de Gouveia, Diogo de Teive e João Fernandes Costa. Trata-se evidentemente apenas de subsidios de noticias biographicas, mas este assunto oferece, ao que estremecem a accção dignificante dos doutores portuguezes, um indiscutivel interesse.

PRÓ TORRE DE BELEM

A evocadora e preciosa Torre de Belem que D. Manuel I, Venturoso Senhor das Descobertas e Conquistas, dedicou a S. Vicente, patrono desta mui nobre e sempre leal Cidade, e fez levantar sobre um grupo de rochedos existentes no meio da agua, a pequena distancia da margem do Tejo, até aos meados do seculo dezoito, exerceu, exclusivamente, as seguintes funções dignificantes: estabelecer logos cruzados com o Forte de São Sebastião de Caparica, cobrar direitos aduaneiros, visar passaportes ás entradas e saídas dos barcos, corresponder ás salvas e ao estipulado tiro de canhão dos navios que passavam na sua frente, preservar dos corsarios o Real Mosteiro de Santa Maria de Bethlem, e defender o famoso Porto de Lisboa.

Após haver desempenhado assim essa honrosa missão, encontrou o principio da sua desdita no momento em que, no Régio Paço da Ribeira das Naus, faleceu o Magnanimo Rei D. João V — desvelado delensor de todas as reliquias historicas e artisticas da sua Patria.

Logo no reinado de D. José I, o Marquês de Pombal, tornando-a carcere de algumas das muitas victimas da sua tirania, fez-lhe perder a aureola de bondade que a verduga Torre de Londres, e tantas outras, nunca possuiram; e mais tarde, reinando D. Maria I, o General Vallerde, começando em 1780, a construir, a seu flanco, o entaipante Forte do Bom Sucesso, aterra-lhe o historico canal que a separava de terra e dera acesso aos baixes e galeões desta occidental praia lusitana, quando, já cobertos de gloria, volviam a ancorar no surgidouro do Rastrelô.

Apesar disto, o seu pior boçado estava-lhe reservado para mais tarde, quando, ao concluir-se as muralhas e a doca de Belem, collocaram á sua ilharga o fumacento monturo que, para opprobrio nosso, tanto a tem denegrido.

Embora já tardiamente, acabou-se com essa permanente vergonha, transferindo, para outro local, a indecorosa installação da Companhia do Gás, e, como fez, em Paris, Adolphe Chérioux, antigo presidente do Conselho Municipal, a serviços identicos, sitios no Bairro de Baugirard, execute-se nesse valioso e memoravel lugar, conquistado ao Tejo, um florido jardim de gosto genuinamente portuguez.

Bem sabemos que a realização dum tal melhoramento tem seus entraves a vencer! Segundo algues disseram, o contrato de 1728 obriga a Camara Municipal de Lisboa a pagar ás Companhias Reunidas alguns milhares de contos, para livrar a maravilhosa Torre de Belem da má vizinhança das suas fabricas. Mas, nestes casos extremos — dizemos nós —, em que, além da estetica ulissiponense, está affectado o decóro nacional, o que está mal emenda-se, o que se opponha a isso revoga-se.

Como vêem, é coisa de muito simples solução, desde que haja um pulso energico e decidido para o fazer!

E. RAPOSO BOTELHO

Faleceu hoje em Vila Real de Santo Antonio o engenheiro Manuel Roldan y Pego

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 12.— Faleceu hoje nesta vila o distinto engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, director geral e inspector, reformado, de Minas e Serviços Geologicos, do Ministerio das Obras Publicas, e sogro do sr. engenheiro Sebastião Ramires, ministro do Comercio e Industria.

O illustre extinto foi uma das primeiras pessoas que em Portugal se dedicaram á causa do Turismo, tendo escrito varias obras e realizado numerosas conferencias de propaganda. Foi um dos fundadores e orientadores da Sociedade Propaganda de Portugal.

Pertencia a uma antiga e conhecida familia luso-espanhola do Algarve, onde a sua morte produziu grande impressão.

O sr. Roldan y Pego estava doente ha mais dum ano.

Representou Portugal em diversas exposições no estrangeiro, como por exemplo a do Panamá-Pacífico, onde se deu o seguinte episodio:

Quando ele terminou o seu discurso, uma banda tocou o hino da Carta, julgando que se tratava do hino da Republica Portuguesa.

Como era muito surdo, o sr. Roldan y Pego não se apercebeu immediatamente do engano. Mas, logo que algum o avisou, procurou levar a banda a executar «A Portuguesa». Não existia, porém, a musica, pelo que o nosso illustre compatriota se viu obrigado a trautear o hino, para ensinar aos musicos.

O JORNALISTA espanhol P. G. So-mozza inicia assim, em «El Adelanto», de Salamanca, uma série de cronicas acerca do nosso país: «Seis dias em Portugal com a «Coral Zamora», na qualidade de jornalista adido. A mala das illusões, repleta, porque já é velho entre nós — desde os verões ali passados — o conhecimento e o amor pelo país vizinho. E sempre que falo de Portugal é no desejo de contribuir para que não continuemos de costas voltadas, para que nos conheçamos e nos othemos com affecto, para que ali desapareçam recelos e aqui surja a curiosidade bem disposta a ganhar animo dos portuguezes. Lisboa, que me era desconhecida, é agora minha conhecida. Após uma ohiadela á planta de Lisboa, comecei rezando em todos os sentidos para me identificar com a alma da cidade. E colhi materiais para futuros artigos de indole turistica que farei por carinho a Portugal e para contribuir para a nossa mutua aproximação».

O ANTIGO parlamentar e professor da Faculdade de Letras do Porto, dr. Lucio dos Santos que, ha annos, se encontra no Brasil, exerce actualmente o magisterio superior em Minas Gerais. O jornal A Imprensa refere-se, com o maior apreço, á oração de sapientia por ele pronunciada na abertura das aulas do Instituto Propedeutico e publica-a na integra.

Trata-se de um magnifico discurso de um pensador e de um professor para quem os problemas da educação constituem preocupação ao mesmo tempo intellectual e moral e que deles se occupa com proficiencia e verdadeira ternura.

FAZ amanhã um anno que morreu subitamente em Lisboa o «costumier» Castelo Branco, professor de indumentaria, no Conservatorio Nacional, individualidade representativa da vida theatral de ha um quarto de seculo, e que foi um dos precursores e renovadores da arte em que tanto se distinguiu. O seu nome ficou ligado aos grandes exitos do teatro portuguez, durante um largo periodo. Evocamos o seu nome com saudade.

DEU-NOS hoje o prazer da sua visita o antigo ministro da Guerra e nosso prezado amigo sr. major Luiz Alberto de Oliveira, que veio agradecer-nos o interesse que manifestámos pela marcha da sua doença, da qual se encontra completamente restabelecido, com o que folgamos.

PARTE amanhã, a bordo do Colonial, para Moçambique, — onde irá desempenhar o cargo de sub-chefe do Estado Maior da provincia — o sr. capitão Luna de Oliveira, official illustre e escritor de grandes meritos, a quem o Diário de Lisboa cumprimenta e deseja boa viagem.

TEATROS E CINEMAS

"Como se faz um homem"

É hoje que se estreia no Nacional a nova comédia "Como se faz um homem", imitação de Henrique Galvão, peça em 3 actos e



ESTEVAO AMARANTE

4 quadros, destinada por certo a grande êxito.

Os dois principais papéis estão a cargo de Estevão Amarante, que se estreia na Casa de Garrett, e de Adélina Abranches, entrando também no desempenho Real de Carvalho, Vital dos Santos, João Silva, João Villaret, Antonio Sacramento, Alfredo Ruas, Alvaro Benamor, José Cardoso, Hermano Rio, Fernando Burnay, Emília de Oliveira, Pilar Monteiro, Maria Lalanda, Maria Clementina, Maria Brandão, Isabel Maria, Manuel de Carvalho e João Gaspar.

3.º recital de Berta Singerman

A grande declamadora Berta Singerman, cujo triunfo se assinala de recital para recital, realiza no próximo domingo, no Trindade, a sua 3.ª audição poética, com um programa extraordinário, ás 15 e 45 horas, em "matiné", assim dividido:



Berta Singerman

1.ª PARTE—"Balada do puñado de sols; Enrique Panich; «Trioico»; (Dia de difuntos, Cancion de Carnaval e Reis); «Despedida (de «Tu y yo»); Paul Gerald; tradução de Rivero; «Cancion del primer amor», Arturo Capdevilla e «Dia de Sols» (Pregões de Lisboa), Fernanda de Castro, tradução de Berta Singerman.

2.ª PARTE—«Três relatos (da «Cena dos Cordalins»), do dr. Julio Denton, tradução de Villacampa; II Relato do Cordal espanhol; II Relato do Cordal francês; III Relato do Cordal português.

3.ª PARTE—«El nene no intende de musicas», Alvaro Moreira; «Um hombre anda bajo la luna», Pablo Neruda; «La perillina», Marroquin; «Noche-buena», Nalé Roxio; «Cobardias», Amado Nervo; «Las Campanas», de Edgard Poe, tradução de Torres (I), Las campanas de plata; II, Las campanas de oro; III, Las campanas de bronce e IV, Las campanas de hierro.

"Pyg.", hoje, no Trindade

A companhia inglesa «The English Players», com Edward Sterling e Margaret Vaughan, estreia hoje, ás 21 e 30 horas, no Trindade, a celebre peça de Bernard Shaw, «Pygmalion», amanhã, em 4.ª recita de assinatura, representa a peça de Harwood, «Old Folks at Home», com a seguinte distribuição:

«Lady Jane Kingdons», Margaret Vaughan; «Professor Charles Kingdons», Edward Sterling; «Lord Cyril Aldinghams», Charles Carew; «Liza Kingdons», Daphne Rye; «David Remingtons», Michael Bazi; «Humes», Alec Finlayson; «Douglas Willoms», Hug Moxey e «Steven Rains», Richard Williams.

A sala-restaurante do CAFE-CHICO tem conforto, asseio inexcelvel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.ª?

TRINDADE
HOJE, ás 9,30 hor. s: Pela Companhia Inglesa
PYGMALION
5 actos, de BERNARD SHAW

AMANHÃ: 4.ª Recita de assinatura:
OLD FOLKS AT HOME
Domingo — A's 3 e 45 horas: «Matiné»
3.ª recita de
BERTA SINGERMAN

"Lover's Leap", no Trindade

A Companhia Inglesa que se estreou no teatro da Trindade na quarta-feira, com «A alma de Nicholas Snyders», representou ontem uma interessante comédia de Philip Johnson — «Lover's Leap» — que ha mesem já, vem obtendo um grande successo no Vaudeville Theatre de Londres.

De todos os autores que a Companhia Inglesa vai interpretar na sua curta passagem por Portugal, Philip Johnson é incontestavelmente o mais inglês — no seu espirito e nos seus processos. «Lover's Leap» é uma novela curta, onde se relata e debate um problema da vida conjugal a par dum flirt bem inglês e ser consequências.

Como todas as boas obras teatraes inglesas que não pretendem fazer tuse, em «Lover's Leap» assiste-se ao desenrolar dum drama que podia ser drama mas que o autor, baseado no bom humor e educação britannicos, transformou numa comédia humana, bem real e possivel na sociedade inglesa. Na verdade, a pronta resignação daquellas duas mulheres que resolvem fleugmaticamente almoçar quando se vêem abandonadas, uma pelo marido e a outra pelo noivo — que fogem para o Egipto, na ansia de profundarem os misterios dos farões por julgarem mais facil essa que a tarefa de comprehender o coração e misterio da alma das mulheres — é bem um exemplo do bom senso inglês. Se a resignação é um dos bens que Deus permitiu a humanidade,

"Deus lhe pague"

Continua a constituir o assunto do dia a admiravel peça doutrinaría do illustre escritor Joracy Camargo, «Deus lhe pague», em pleno exito no teatro do Gimnasio. «Deus lhe pague», formidavel desempenho do grande artista Procopio Ferreira, secundado pelos illustres artistas Ester Leão, Alexandre de Azevedo e José Gambá, nos principais papéis, representa-se todos os dias ás 21 e 45 e depois de amanhã, em «matiné», ás 15 e 30.

Atrás do reposteiro

A revista «Bola de Neve» que no sábado de Aleluia se estreia, no Trindade, original de Matos Sequeira e Vascoconcelos e 84, musica de Wenceslao Pinto, Frederico de Freitas, Raul Portela e Raul Ferreira, tem, no primeiro acto, os seguintes quadros: 1.º «Cozinha á portuguesa»; 2.º «Mayonaisse»; 3.º «Póra de horas»; 4.º «Verde e encarnado»; 5.º «A Praça da Concorcía»; 6.º «Abatido de zero» e 7.º «36» ao sol, alem «vários «steks» e balados, entre cortinas, um dos quaes por uma notavel atracção estrangeira.

—Nos meos teatraes foi ontem o assunto do dia uma desintelligencia havida entre dois empresarios, que tendo experimentado cinema com exito se propoem igualmente abordar explorações de teatro.

—O artista Saul de Almeida foi contratado pelo actor-empresario brasileiro Procopio Ferreira, para seguir consigo para o Brasil como director das «missões» dos seus espectaculos.

—Partiram para Espanha, em viagem de recreio, as artistas Maria Matos e sua filha Maria Helena.

—Um artista português ha tempos retirado de cena, fará a sua reaparição, no Gimnasio, na estreia da peça, «O Bobo do Rei», interpretando um papel de destaque.

—Beatriz Costa, na revista «Bola de Neve» no Trindade interpretará «a numero» dos seus espectaculos, «Menina de 1900», «Sóta» e «Arrumadora».

—Projecta-se uma digressão artistica pelo país com uma peça de grande exito, actualmente em cena num teatro de Lisboa.

por que não ir ao seu encontro, francamente, sem hesitações, com confiança?

De que serviriam as lagrimas e recriminações de duas mulheres abandonadas se elles já nem delas «criam conhecimento»? fleugma inglesa, tanta vez mal comprehendida e interpretada, é, pois, o natural produto duma educação pratica e com um sentido de franca realidade.

A interpretação desta interessante obra — que é uma autentica obra literaria — a cargo das principais figuras da Companhia Inglesa, agradou francamente a toda a assistência.

Margaret Vaughan, que tem nesta peça o principal papel, foi inexcelvel de elegancia e co-reccão.

Daphne Rye, Edvard Sterling e Richard William, nos restantes papéis, mantêm o conjunto e equilibrio que já ontem mereceram as nossas elogiosas referencias.

Uma centena de espectadores — se tanto. Nem ao meros a colonia inglesa de Lisboa, que é importante, parece patrocinar estes espectaculos.

Essa indiferença por uma companhia que é boa em toda a parte, e principalmente o desinteresse que parece demonstrar pela propaganda inglesa que a actuação de uma companhia dessa nacionalidade pode e deve produzir em Portugal, parece-nos talvez injusta.

L. L.

—Luiza Satanela vai interpretar se. numeroes nos dois actos, remodelados, da revista «Zé dos Pacatos», na repostação que desta peça vai fazer-se no Avenida, brevemente.

—Seguiu ontem para o Porto o empresario Antonio de Macedo.

—A companhia inglesa «The English Players» trabalha a O Sá da Bandeira do Porto, nas noites das proximas terça e quarta-feira; no sábado de Aleluia e no domingo de Pascoa.

—Realiza hoje, no Carlos Alberto do Porto, a festa artistica, o actor Octavio de Matos.

—Hoje, amanhã e domingo («matiné» e duas sessões) são as ultimas, no Avenida, da peça triunfante «As Pupilas do sr. Rector», que sai de cena em pleno exito.

—Voltou a alegria ao Variedades, no qual continua, em successo a comedia «O Arroz Doce», que hoje se repete e que no domingo se repete em três espectaculos: «matiné» e duas sessões nocturnas.

—Foi fixada, definitivamente, para sábado de Aleluia, a estreia, no Maria Victoria, pela companhia Maria das Neves, da revista «Milho Rei», em que Mirita Casimiro reaparece integrada no seu desempenho, sendo todos os cenarios pintados pelo artista Sousa Mendes.

—Da sua casa de Madrid, regressa a Lisboa a «vedeta» «Dorita do Monte», que, no sábado de Aleluia, em dois numeros novos da revista «Zé dos Pacatos», reaparece no Apolo, na companhia de Rafael Marques.

"Golgota", no Odeon e no Palacio

São muitas as evocações cinematograficas da vida de Jesus. Se umas qtuem, apenas, dar-nos a emoção, digamos, até, o lirismo humano — grandioso da figura, com mais ou menos idealidade, outras pretendem realizá-lo em vida substantiva, como uma his-

(Ver continuação na pagina seguinte)

Teatro Nacional
HOJE — Definitivamente — HOJE
A's 21 e 30
4.ª Recita de Assinatura
Estreia neste teatro do actor
Estevão Amarante
1.ª Representação da Comedia em 4 actos, imitação de Henrique Galvão
COMO SE FAZ UM HOMEM
COL. ADELINA ABRANCHES
e todos os outros elementos da Companhia

"AS PUPILAS DO SR. REITOR"

Grande magia, a de saberes-se «As Pupilas do sr. Rectors», a peça linda, encantadora, vai sair de cena. Apenas hoje, amanhã e no domingo, para as suas despedidas do palco do



Avenida, em pleno trunfo, com toda a sua beleza, com todo o seu successo. Três noites apenas, em duas sessões, a preços populares, e, no domingo mais uma «matiné», a ultima, ás 15 e 30 horas, e ter-se-á concluido este exito famoso, que deixa um grande rastro de saudade em quantos tiveram a dita de o ver.

PROGRAMAS DE HOJE
TELEF. 2 7172
S. LUIZ
O Homem Sombra
um filme de Van Dyke com Myra Loy e William Powell.
A's 21 e 30

CONDES S M FAMILIA
com Robert Linnen, Vanini Marcoux e Dorville.
A's 21 e 30

ODEON GOLGOTHA
A's 21 e 15
PALACIO
(A vida de Cristo)
A's 21 e 30

POLITEAMA
com Harry Baur, Robert Le Vigan, Jean Gabin e milhares de figurantes, numa super-produção de Julien Du-vivier.
A's 21 e 30

PARIS MOULIN ROUGE
A Fada do Carnaval
A's 21 e 30

CAPITOLIO
O ultimo milionario
Bilhetes a 1560
A's 21 e 15

TERRASSE O OIRO
Os voluntarios da morte
A's 21 e 15
LYS O OIRO
O Bandido de Texas

ROYAL
A minha noite de nupcias
O Rei da Selva
A's 20 e 30

JARDIM CINEMA
A's 20 e 45
Domingo, a tarde e a noite
O MUNDO E MEU SOMBROS DE PARIS

RUTHER. — Preparação esmerada muito agradavelmente perfumado o Renovador RUTHER é o tonico mais aconselhavel para restaurar e embelezar o cabelo de V. Ex.ª
A' venda na Drograria de Costa & Conde, 175.—Rua da Prata, 177.

V. Ex.ª NAO SABE? **DOMUZ** É O REI DO ANIS.

VARIEDADES
— A alegria de Lisboa, na comedia —
O Arroz Doce
— com NASCIMENTO FERNANDES —
no «Paulino Dias»
HOJE DUAS SESSÕES
— A's 9 e 11 horas —

Gimnasio HOJE A'S 9,30
Telefone 2 880
Um êxito como não ha memoria
A grande comedia social de Joracy Camargo
Deus lhe pague
Formidavel interpretação do grande actor brasileiro Procopio Ferreira
Depois de amanhã — Domingo — ás 3 1/2 da tarde
Grande matiné com Deus lhe pague
A SEGUIR a peça em 3 actos imitação de Ilene de Castro
A dança dos milhões
Formidavel interpretação com a de PROCOPIO FERREIRA

Espectáculos

(Continuação da página anterior)

toria que, sem ser vulgar, precisa, no entanto, de ambiente material. Está neste último caso o *Golgota*, de Devrier, que ontem se estreou no Odéon. O filme tem coisas boas e algumas más. Toda a parte arquitetural, o movimento da multidão, e até o entrecho que procura integrar-se na realidade são de bastante interesse. Há, porém, imagens deslocadas, que não têm feições, nomeadamente as do fim, que são excessivamente pretenciosas. O filme podia muito bem manter-se no seu género documental, o que seria mais desculpável. Excessivamente cinematográfico, ele trai, por vezes, a majestade do assunto. A notar, como muito más, as vozes dos actores.—A.

“As pupilas do sr. Reitor” ou Verdi

O edito de «As Pupilas do sr. Reitor» é verdadeiramente consolador. Nunca se assistiu nos nossos teatros a um triunfo tão completo e tão justo. Triunfo artístico e triunfo popular. Exitos de crítica e exito de público. Toda a gente está de acordo em afirmar que *Leitão de Barros* conseguiu realizar o melhor filme português de todos os tempos: como técnica, como interpretação e como espectáculo. Tudo o que há de belo na nossa terra—as festas, as desfilhadas, as procissões, as vindimas, as canções—aparece valorizado com uma fotografia notável de Heinrich Gartner e uma música portuguesa, cheia de cor e de inspiração. Difícilmente se poderia realizar outro filme tão sinceramente português como este. *Leitão de Barros* conservou toda a beleza singular, todo o lirismo simples, do romance de *Julio Diniz*, numa obra que nos honra, porque honra a cinema nacional.

Augusto Soares

Quem vê o filme «As Pupilas do sr. Reitor» decerto notará a grandiosa cena da desfilhada com os seus interessantes balles e desgrahadas e que tão citada tem sido pelos criticos. *Toda esta parte coreografica foi realizada por Augusto Soares, um dos nossos maiores valores de teatro, e colaborador auxililar de Leitão de Barros* que muito o aprecia, e que foi também seu assistente no filme «As Severas» e administrador do mesmo em Paris. Augusto Soares foi convidado para, dentro da sua especialidade, dar uma valiosa colaboração a um grande filme que em breve começará a ser trabalhado em Portugal.

Actualidades

Alexandre Korda, director geral da produção da «London Film», convidou Robert Flaherty, o realizador do *Man of Aran* (em Portugal: *C Homem e o Mar*), a dirigir um filme cuja acção se desenrola completamente nas Indias. O argumento será do proprio Flaherty a quem prometeram a maior liberdade de trabalho; sendo a planificação de Lajos Biro.

—O *Bapão*, vencedor o ano passado do 4.º Concurso Internacional de Filmes de Amadores, apresenta este ano, em Barcelona, valiosos trabalhos. A França, que costuma distinguir-se nos filmes de enredo, não concedeu este ano primeiro premio algum, nessa classe, ao seu concurso nacional, o que faz prever que não enviará a capital da Catalunha trabalho de desse genero.

—Realizou-se ante-onhem, em Paris, no cinema Marignan a apresentação, para a Imprensa, da grande produção de Julien Duvivier *Golgotha* que ontem se estreou em Lisboa nos cinema: Politeama, Odéon e Paçacio.

—O realizador Eric von Stroheim, escreveu um romance: *Paprika*.

—Julius Ranocourt, administrador do filme *Folies Bergere*, está escrevendo um romance que intitula: *Hollywood Star*.

—Leitão de Barros escreveu um artigo, que sairá brevemente, em resposta á critica feita ás *Pupilas do sr. Reitor*, pelo sr. colega Antonio Lopes Ribeiro.

AUTOMOBILISMO

Rampa do Gradil

Pede-nos o Automovel Club de Portugal que aviesmos os concorrentes que ainda tenham os seus bolletins de inscricao incompletos, e os que não possiam as cartas internacionaes, de que devem ir a sua sede amanhã até ás 12 horas.

Os socios do A. C. P. tem entrada gratuita na Tapada de Maira para assistir á corrida, desde que se munham dos cartoes que podem requisitar na secretaria do club.

JOGO PERDIDO

A sr. Joanna Pereira Sanches, vendedeira de joia de leitavia e moçada da rua da Belciza, 319, perdeu hoje na rua da Assunção um bilhete para a extracção de amanhã, com o n.º 228.

Pede-se a quem o achou o favor de o entregar na Redacção do nosso jornal. A Policia foi avisada do caso.

UM CASO EXTRAORDINARIO de calculo immediato

Tivemos o prazer de admirar hoje na nossa redacção, alguns trabalhos de calculo, verdadeiramente notaveis, realizados pelo sr. Manuel Joaquim Lopes Junior, funcionario dos Caminhos de Ferro do Sul que nos visitou acompanhado pelo sr. Bento Rosado, guia-interprete oficial em Evora.

O principal merecimento dos trabalhos do sr. Lopes Junior reside na rapidez com que obtem os resultados dos seus calculos.

Ao ouvir pronunciar uma frase, por maior que seja a sua extensao, o sr. Lopes Junior diz imediatamente de quantas letras ella se compoe. Perante a idade de quem o interroga, o extraordinario calculista enumera, sem demora, quantos minutos, dias, horas, minutos e segundos, estão compreendidos nesse espaço de tempo.

No que respeita a operações, que de multiplicar quer de dividir, o sr. Lopes Junior trabalha tambem com uma rapidez espantosa, pois apresenta os resultados imediatamente após a enumeração dos problemas.

Trata-se na verdade de excepcionaes facilidades de trabalho mental, pelo que felicitamos muito sinceramente o sr. Lopes Junior.

PUBLICAÇÕES

O conhecido columbofilo sr. Esquelet de Castro e Menezes publicou agora um volume intitulado «Bombos», que é um trabalho completo no seu genero. Custa apenas 2850 e torna-se indispensavel pelos ensinamentos praticos que enuncia, a todos os amadores e criadores de bombos.

Assalto a um estabelecimento

Os gatinos entraram por meio de chave falsa no estabelecimento do sr. José da Silva Marques, rua Alves Torgo, 83, donde furtaram tabaco, dinheiro e generos. A policia vá investigar.

Lotarias

A fim de tratar de assuntos que muito lhe interessam e se ligam com deliberações que, segundo se diz, vão ser tomadas pela Misericordia de Lisboa, reúne-se hoje, pelas 21 e 30, na Associação Commercial de Lotarias de Lisboa, a classe do ramo de lotarias.

Club Estefania

Em homenagem ao estalador do seu grupo dramático sr. Gomes de Sousa, realizou-se amanhã, ás 22 horas, um espectáculo teatral no Club Estefania.

Gremios regionais

No proximo domingo, ás 21 e 30, realiza-se, na Casa de Pedregão Grande, em Lisboa, rua Eugenio dos Santos, 159, 2.º andar, baile, que prometa ser muito animado.

Um cruzeiro patriotico

Viajar num confortavel paquete, economicamente e com facilidades documentaricas o que se consegue inscrevendo-se para a excursão do «Cruzeiro Patriótico», a sair para a Madeira e Marrocos, em 11 de Maio.

Pecam informações na agencia da Empresa Lusitana de Navegação, Av. 14 de Junho, 2.º—Telefone 2 0214.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

VENDDAS DE SUCCATA DE FERRO E AÇO

Esta Companhia tem para vender na estacão da Figueira da Foz, os seguintes lotes de succatas de ferro e aço, cujos pesos são indicados aproximadamente:

- Succata de eixos de rodas de vagões, em aço, 3000 quilos.
- Succata de aço de molas, 16.000 quilos.
- Succata de aros de roda, em aço, 10.000 quilos.
- Succata de centros de rodas, em aço, 6.000 quilos.
- Succata miuda de ferro forjado, 25.000 quilos.
- Succata grossa e miuda de ferro forjado 80.000 quilos.

Recebem-se propostas até ao dia 23 de abril corrente, dirigidas á Direcção de Exploração em Figueira da Foz, encerradas em dois envelopes, o segundo dos quaes deve dizer: *proposta para o concurso de succatas*.

As propostas devem indicar o preço oferecido por cada lote que a Companhia se reserva o direito de vender juntos ou separadamente, e ainda o de adiar a venda se os preços oferecidos lhe não convierem.

No caso de acceptação de alguma proposta, o proponente depositará 50 por cento do valor da venda, logo que seja aviado.

Figueira da Foz, 7 de abril de 1935. O engenheiro director da Exploração
Fernando d'Arruda.

A SEMANA MILITAR

Um grande desembarque

de forças de Marinha

numa das praias do Tejo

A «Semana Militar» que se realiza em Lisboa, no proximo mês de maio, por iniciativa da revista «Defesa Nacional» com a colaboração de unidades do Exército, da Armada e da Aviação, vai constituir, pelo seu ineditismo, um acontecimento de extraordinario relevo e de alto interesse popular.

Além das manobras na baía de Cascaes, pelas unidades da flotilha ligeira, de exposições militares e outras demonstrações em recintos publicos, figura no vasto programa um numero que deve atrair grande multidão pelo interesse de que se reveste.

Para os profissionais militares tambem ele tem um significado excepcional e um valor tecnico apreciavel, pois não só representa um tema tactico e estrategico dos que mais frequentes vezes nos devem ser exigidos em caso de conflito armado, atendendo á enorme extensão do nosso litoral, tanto na metropole, como nas colonias, mas ainda porque nunca foi antes tão levado a effecto com tamanha envergadura e com tão elevados affectivos.

Trata-se de um desembarque de forças de infantaria e de artilharia de Marinha, realizado numa das praias da margem norte do Tejo, durante a tarde de domingo 19 de maio.

Ignora-se ainda a totalidade dos effectivos que, no entanto, não serão inferiores a um grupo de 3 companhias de infantaria e a uma bateria de artilharia. Todas estas forças farão uso da mascara anti-gás e do mais moderno material de guerra, recentemente adquirido para a Marinha, sendo a artilharia «Schnelder» a primeira vez que sal dos depositos do Arsenal.

A preparação inicial de artilharia deverá ser realizada por uma divisão de canhoneiras, ou pelas unidades da flotilha ligeira, que, como dissemos, farão durante a manhã uma demonstração naval na baía de Cascaes.

O desembarque executa-se por escações successivas e será auxiliado por uma esquadriha de hidro-aviões que tem a missão dupla de desalojar o hipotetico inimigo das suas posições mais proximas do local de desembarque e do estabelecimento de cortinas de fumo que occultem o movimento das embarcações que se dirigem á praia transportando contingentes.

O grosso das forças será, possivelmente, conduzido a bordo do aviso «Afonso de Albuquerque» ou do transporte «Gil Eanes».

O exercicio deve terminar com o ataque, por vagas de assalto, a uma suposta posição do adversario, batido então pelos fogos conjugados de artilharia de desembarque e da artilharia de bordo. Este ataque terá como fim uma energica carga á baloneta.

Trata-se de um trabalho de apreciavel valor e significado que irá pôr á prova a competencia de officialidade da Marinha de Guerra e a destreza e magnifica preparação dos nossos marinheiros, aos quaes, decerto, a população civil terá ensejo de, uma vez mais, manifestar o apreço e a admiração que lhes consagra.

Os contra-torpelidos que vão tomar parte nas manobras em conjunto na baía de Cascaes, andam na costa a treinar as suas guarnições para esses exercicios.

Viajantes

Partiu hoje no Sud para o estrangeiro o sr. coronel medico Mario Moutinho, illustre director do Hospital Militar da Estrela, a fim de tomar parte nos Congressos «Oftalmologia de Nice e de Paris e estudar assuntos da sua especialidade, devendo regressar em fins do proximo mês de maio.

Exposição de trabalhos escolares

Na Escola Valentinna inaugura-se amanhã, ás 15 horas, com uma sessão solene, uma exposição de trabalhos dos alunos daquelle estabelecimento de ensino.

UM HOMEM GORDO QUE CON-

SEGUE DIMINUIR 20 QUILOS

Com passeios e Sais Kruschen

Qualquer pessoa nutrida que queira diminuir alguns quilos de peso pode tirar beneficio das experiencias feitas por este senhor gordo:

«Em pouco mais de um ano reduzi o meu peso de 192 quilos para 74,5, tomando diariamente, e de manhã, uma dose de Sais Kruschen e fazendo passeios a pé. Este regime durou apenas 6 meses, sendo para considerar a circunstança de não ter recedido a dietas nem ter sido preciso privar-me da minha bebida habitual a cerveja, que tenho continuado a tomar diariamente». G. L. B.

A sua gordura superflua desaparecera e se quiz ter o fígado incapaz de tomar todas as gorduras, antes do pequeno almoço, mata colher de chá de Sais Kruschen dissolvidos num copo de agua quente, modificando o regime alimentar e fazendo exercicios regulares.

O que fór perdendo em gordura irá ganhando em energia — em vigor — em ambição. Uma vida nova começara então e com ella o desejo de acção, de actividade, de luta. O seu sono sera de pedra. A sua gordura desaparecera, e os seus anos de vida prolongar-se-hão.

A venda em todas as Farmacias e casas da especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17400 frasco pequeno Esc. 10460.

Radio Club Português

A assembleia geral de domingo

Depois de amanhã, domingo, ás 15 horas e 30, realiza-se, na sede do Radio Club Português, em Paredo, a assembleia geral ordinaria daquela instituição.

E' de esperar grande concorrencia de socios.

A revista *Radio Semanal* publica amanhã, na integra, o relatório e contas das gerencias de 1933 e 1934 que foram brilhantes, pois obtiveram, respectivamente, os saldos positivos de esc. 133,81 e esc. 09,947,77, mais os debitos do club, em 31 de dezembro de 1934, atingiam ainda a elevada cifra de esc. 464,749,821.

Celina Easo

E' hoje a despedida desta grande artista da Olympia Club

Celina Easo, a grande estrela de baile que no Olympia tem confirmado o seu grande valor internacional, finis hoje o seu contrato, não o podendo prorrogar como era vontade da empresa, avido a compromissos tomados com outras empresas do estrangeiro. O Olympia Club, que ainda ontem regozitava de publico, conta hoje ainda com uma renascença, dando ser o dia de despedida da celebre estrela.

Amãnhã, para não fugir á regra, estrearse-há naquella «cabaret» uma outra artista de grande nome, contratada directamente de Madrid.

Uma serie de conferencias

no Gremio Literario

A direcção do Gremio Literario e uma commissão de senhoras de sociedade resolveram promover nos proximos meses de maio e junho uma serie de cinco conferencias educativas, continuadas assim a brilhante tradição daquela casa, felizmente reatada no passado ano associativo em que se fizeram ouvir o almirante Gago Coutinho, os dres. João Saravia, Antonio Osorio, Hipolito Raposo e José de Azeite. Os conferentes deste ano serão a poetisa sr.ª D. Maria de Carvalho e os dres. Luiz de Almeida Braga, Agostinho de Campos, Hipolito Raposo e Vieira de Almeida.

A admissão ás conferencias obtém-se por assinatura de toda a serie, cujo sumario e condições serão em breve tornados publicos.

FEIRA DE PARIS

Vital a Feira n'as importantes do mundo onde apparem as mais recentes novidades, havendo um concurso internacional de invenções. Excursão economica, todas as despesas incluídas. Visitar Paris em Maio é criar as mais saudáveis recordações. Para todas as informações dirigirse ao «Turismo Portugal, Lda» R. da S. Nicolau, 82 P/C.—Lisboa. Telef. 2.7141

RUTHER.—Pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tónico e combate a Caspa e todas as Doenças do couro cabeludo, facilitando ao mesmo tempo o crescimento do cabelo. Numa palavra... RUTHER—revigorator—tonifica—vitaliza—os seus Cabelos.

A' venda na Farmacia Cortez, 91—Rua de S. Nicolau—93.

DESPORTES

Rugby internacional

Amanhã realiza-se no campo das Amoreiras o I Lisboa-Espanha, em rugby. Esta designação substitui a do III Lisboa-Madrid, em virtude da Federação Nacional Espanhola deslocar até nós a sua seleção nacional.

Os jogadores espanhóis chegaram hoje, acompanhados por varios dirigentes.

A equipas de Lisboa, a quem incumbirá a missão de derrotar a Espanha, só será definitivamente constituída no occaso do jogo. No entanto, encontram-se seleccionados os seguintes elementos: Licio Vaz, Calheiros, Rodrigo Bastos e Jacinto (Belenses); Norton, Morgalo, Catola e Cesario (Sporting); Antunes, Xavier de Araujo (capião), Hermes, Garcia, Albergaria, Francisco Silva, Bruxelles, Branco, Gonçalves e Reis (Gimnasia); Albino, Teixeira, Videira e Jorge Costa (Benfica).

Por sua vez, a seleção espanhola sairá, deste fortissimo núcleo de jogadores:

Retines, Sahrá, San Miguel, Moraya, Fayola, Jaime, Rata, Ortega, Bengoa, Espanhol, Del Campo e Audiner (Madrid); Perez Lopez, Candela, Cabezas, Ferreras, Del Caz e Duran (Gimnastic); Marin (Atletic); Georcadópulos (Valenciana) e Jover (Atletic).

O encontro será dirigido por um arbitro português.

A organização deste «match» internacional constitui um pesado encargo financeiro para aqueles que se abalancaram a tal empresa.

Justo é, portanto, que o publico saiba acariar-nhar a iniciativa. Os preços estabelecidos são de molde a produzir-se esse desiderato: bancada numerada, 7.550; bancada superior, 5.500 e geral, 3.550.

«Basket-Ball»

Realizando-se, no proximo dia 15, em Madrid, o I Portugal-Espanha, em «basket-ball», a respectiva Federação organizou para hoje, no Ateneu, um festival para apresentação e treino do «team» nacional, que redundará, decerto, em festa de homenagem.

A's 21 horas, Benfica-Lusitano (infantis); ás 22 horas, seleção Nacional-Ateneu (reforcado com os internacionais suplentes).

Jogos internacionais de «foot-ball»

A nossa actual temporada internacional é pobre. Apenas o Portugal-Espanha. O mesmo não se poderá dizer da proxima. A direcção da Federação de Football, que se tem dedicado ao assunto com muito carinho, tem já assente para a proxima temporada, possivelmente, em janeiro, a realização de dois grandes encontros internacionais de «foot-ball»: o Portugal-Austria e o Portugal-Alemanha.

«Equipe» nacional de «foot-ball»

Os portugueses apresentavam-se em campo, em jogos internacionais, de «maillets» vermelho e calções pretos.

Como essa é, porém, tambem a «equipe» espanhola, ha que modificar a nossa, visto sermos os visitantes.

E assim, a direcção da Federação resolveu que os jogadores se apresentassem contra a Espanha, com «maillets» branco, ostentando no peito as quininas nacionais, e calções azues escuros.

O aniversario do Quetz

O II aniversario do Quetz Atletico Club promete resultar brillantissimo. Organizar-se-ão festas locais, que ficarão memoráveis. Para o effeito, foi organizada uma grande comissão composta por individualidades de destaque no desporto local.

Campeonato lisboeta de «tennis» em 2.ª categoria

Realiza-se, nos proximos dias 19, 20 e 21, nos «courts» do Campo Grande, o campeonato lisboeta de «tennis» em 2.ª categoria. A organização é do Sporting Club de Portugal e tem o patrocínio da respectiva Federação. Será jogada a prova circular-homens aberta a todos os jogadores que não estejam incluídos na 1.ª categoria.

A inscrição, de dez escudos, encerra-se no proximo dia 16, no Sporting. Haverá uma Taça para o primeiro classificado, de posse definitiva, um segundo premio e dois terceiros.

Cevadas
Comum, c/ k.º 240
Santa, especial, c/ k.º 400
Pureza absoluta
Bem torradas. Bem moídas
Torra e moagem diárias
A Mariazinha
Rua Barros Queiroz, 56 e 28
(Travessa de S. Domingos)

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras: Viscondessa de Sacaven, D. Laura Duarte Correia Mourão, D. Carlota Alves de Carvalho, D. Isabel de Noronha de Paiva Coelho, D. Maria Constança Fialho de Sousa Coutinho (Linhares) e D. M.ª Manuela Rublo Lopes.

RUTHER—deve sempre existir no seu toucador, repare bem e faça dele o seu confidente; pois ele restituir-lhe-á os seus cabelos a sua coloração primitiva, combatendo a Caspa e a queda do seu precioso cabelo.
A' venda na Drograria Aloreana, de Ferreira & Ferreira, Lda, 99—Rua da Prata—101.

DE LUTO

D. Maria da Graça Lourenço
Faleceu em Caldas das Taipas, onde residia; a sr.ª D. Maria da Graça Lourenço, proprietária, viúva, mãe do sr. Antonio Manuel Lourenço, proprietário, e da sr.ª D. Cândida Lourenço e D. Maria da Graça Lourenço, e tia do nosso camarada de imprensa sr. Alvaro Wunderer Lourenço, a quem endereçamos os nossos pesares.

Festa escolar

Promovida pela Caixa Escolar, realiza-se no proximo domingo, ás 14 horas, na Escola Commercial de Rodrigues Sampão, uma festa de homenagem ao sr. Dr. Adolfo Coelho, professor daquele estabelecimento de ensino.

CONFERÊNCIAS

E' hoje, como temos noticiado, que a sr.ª D. Maria Luclia Alves de Oliveira realiza, ás 19 h., na Universidade Popular Portuguesa, um serão literário em que dissertará acerca do Antero de Quental. Entrada livre.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—Como se faz um homem.
Trindade—A's 21 e 30—Pymallion.
Gimnasia—A's 21 e 45—Deus lhe pague.
Avenida—A's 20 e 50 - 22 e 50—As Pupilas do Sr. Rector.
Variedades—A's 21 e 45 23—Arroz doce.

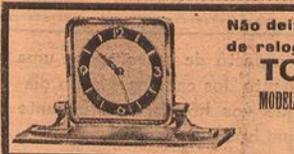
CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Cine—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 15.
Olympia—Das 14 e 50 ás 24.
Madro Terasso—A's 21 e 1.
Capitolio—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—Av. Alvaraz Cabral.
Eden-Cinema—R. do Alívito e Alcantara.
Belem-Jardim—A's 21.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá a garantia de assado porque tem uma cozinha moderníssima montada e uma «Frigidária» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.
Serviço á Carta. rapido. abundante e perfeito.

Aos Industriais

Quereis saber exactamente por quanto vos saem os vossos productos?
Quereis saber o tempo util de trabalho de cada maquina?
Quereis saber o modo de conseguir embatear ainda mais os productos que fabricais?
Quereis produzir mais?
«Alícal um aparelho de contróle
«ZENITH-Recorder»,
Oliveira & Corte Real, Lda.
R. dos Fanqueiros, 62, 2.º, Di.—Lisboa



ANUAL DE MOVELS DO CALHARIZ
MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO E EM TODOS os ESTILOS. Artes Decorativas
PAPEIS PINTADOS
Cretones // Damascos // Veludos
Oleões // Carpetes // Pergamoides
ELEGANCIA-ARTE-BOM GOSTO
FABRICO ESMERADO
VISITEM A NOSSA EXPOSIÇÃO

Congresso da Aliança Internacional Hoteleira

Realiza-se em Bruxelas, de 12 a 20 de maio proximo, o Congresso da Aliança Internacional Hoteleira, no qual serão representados mais de 40 países e se tratarão assuntos da maxima importância para a industria hoteleira e para o turismo mundial.
Os hoteleiros portugueses que desejem assistir devem fazer a sua inscrição, por intermedio da União Hoteleira de Portugal, até ao dia 15 do corrente.

Festa associativa

O Carvalho Araujo Sport Club comemora no proximo dia 14 o primeiro aniversario da sua fundação.
A's 15 horas haverá uma sessão solene durante a qual se fará o descerramento do retrato do heroico comandante Carvalho Araujo, fazendo uso da palavra varios oradores.

Em seguida realizam-se varias provas desportivas, bailes e quermesses.
Na sede da Associação Concentração Musical 24 de Agosto realiza-se amanhã uma festa, para a qual foi organizado um esplendido programa.

Procopio Ferreira no Grémio Lirico Português

O cha-concerto de amanhã no Grémio Lirico é dedicado ao grande actor brasileiro Procopio Ferreira que assiste a festa. No programa toma parte, entre outros, o distinto soprano D. Eduarda Sacramento um dos nossos valiosos elementos liricos. A direcção prepara uma coralissima recepção ao grande artista brasileiro, que deve chegar ao Grémio pelas 17 horas.

Festa de caridade

No domingo de Pascoa realiza-se, no Jardim da Estrela, organizada por uma comissão da nossa primeira sociedade, uma festa infantil de caridade, cujo producto se destina a doentes pobres.

Os móveis pintados a DUCO



... duram mais
... realçam mais

DUCO valorisa os móveis — quer sejam de madeira ou de metal —, dá-lhes maior realce e permite-lhes resistir, sempre bonitos, aos choques e pancadas do uso diário.
Os móveis de madeira ficam com uma superficie lustrosa que não desvanece nem estola. A água não lhe tira o vivo colorido.
Aos móveis de metal, DUCO reveste-os com uma espécie de pellicula rijo, impermeável e flexível.



BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurora, 132-133—LISBOA
SORIA, LTD.
Rua 50 da Bandeira, 214/216—PORTO

BOLSA DE LISBOA

12 de abril CONTADO

Table with columns: VALORES, Efectuado, Compra, Venda. Rows include Fundos do Estado, C.º DE SEGUROS, C.º DE DIVERSAS, Obrigações, and Cambios.

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

Table with columns: CHEQUE SOBRE, Compra, Venda. Rows include Londres, Paris, Madrid, New York, Zurich, Roma, Bruxelas, Amsterdão, Berlim, Prag., Rio de Janeiro, Libra ouro.

Aos barbeiros

Aconselhamos uma visita á bem conhecida casa, drogaria e perfumaria Viuva Dias, onde se encontra um colossal sortido de todos os artigos proprios para barbearias, aos melhores preços e qualidades.

Rua dos Fanqueiros, 342-344 (Em frente ao Mercado)

ANUNCIO

Pela 7.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, 3.ª Secção, se anuncia que correm editos de 30 dias citando Bernardino Fernandes de Oliveira, casado, capitánista, cuja ultima morada foi na Rua da Bela Vista (á Graça) n.º 54, affirm de, sobre a quantia em deposito 786500\$ exercer o direito que possivelmente lhe pertença nos prazos e termos legais, nos autos de remissão de foro em que são autores Mariana Pinto Gomes Soeiro, viúva, moradora na Praça do Ultramar, letras C. A. L., 1.º, João Florencio Gomes, divorciado, empregado publico, morador na Rua São João da Praça n.º 18-20 e Domingos Florencio Gomes Pinto, solteiro, morador no Beco de Santa Helena, N.º 3-2, todos desta cidade, e reu Antonio Luiz Pereira Coutinho, morador em Alchochete, e credores hipotecarios e ciente Bernardino Fernandes de Oliveira e Companhia Geral de Credito Predial Portuguez.
Lisboa, 16 de Março de 1935. — O Escrivão, Denis Nery. — Verifiquei: O Juiz de Direito, Luis Arruda Pereira.

No CAFE-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congéneres.

Não deixe de admirar a nova coleção de relógios para parede e mesa que o TORROAES recebeu.
MODELOS PROPRIOS PARA AS M. BILIAS MODERNAS
119 - R. PRATA - 123
Telef. 2 4210

MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO E EM TODOS os ESTILOS. Artes Decorativas
PAPEIS PINTADOS
Cretones // Damascos // Veludos
Oleões // Carpetes // Pergamoides
ELEGANCIA-ARTE-BOM GOSTO
FABRICO ESMERADO
VISITEM A NOSSA EXPOSIÇÃO

DR. WAGSMANN MEDICO
ARZT
Pelas Facs. de Lisboa e Berlim
Vias urinarias, Sifilis, Pele
Clínica Geral
Pr. D. João da Câmara 4-1.º. Tel.: 25153
8 1/2-9 1/2 h. (classes pobres) 18 h.-20 h.

ESTRANGEIRO

Escola Valsassina

Internato, Semi-Internato e Externato
Amanhã as 15 horas abertura oficial da
exposição de trabalho escolar dos alunos
Avenida Antonio Augusto Aguiar, 158
Telef. 4 4035 P. B. X.

As tempestades de pó

que estão assolando a região de Kansas
KANSAS CITY, 12.—As densas nuvens de pó que ultimamente têm caído em vários Estados americanos continuam a causar vítimas e prejuízos elevadíssimos.

No campo, horrivelmente desfigurados e inteiramente cobertos de pó, foram encontrados mortos velhos desparecidos, quasi desde o primeiro dia em que as estranhas nuvens de pó começaram flagelando a região.

Oito Estados sofreram já a assolação deste terrível flagelo. Os campos numa extensão de muitos quilómetros estão totalmente cobertos de poeira que espalhou a morte e destruiu as culturas.

Pela primeira vez se verificou que a chuva não exerce influencia nas tempestades de poeira. Pelo menos, aparentemente, parece que o pó é que afasta a chuva.

No Estado de Colorado, onde se desenvolveu a nova doença «pneumonia do pó», começaram já os habitantes dos campos a usar mascarões contra a poeira.—(United Press).

Um «record», de aviação

Inglaterra-Austrália em 15 dias

LONDRES, 12.—Joan Betten, a jovem aviadora que o ano passado bateu o «record» Inglaterra-Austrália em 15 dias, partiu hoje de Sydney às 6 e 30 (hora local) para tentar o percurso em sentido inverso com o mesmo avião.—(Havas).

Vinte e três crianças mortas num desastre

RECKVILLE, Maryland, 12.—Um comboio chocou com um sauto-ônibus, que transportava umas trinta crianças. Morreram 23 e as restantes ficaram feridas.—(Havas).

Mussolini condecorado pela Franca

PARIS, 12.—Le Jour diz que 1.700 antigos combatentes franceses irão na próxima semana a Roma, acompanhando o marechal Pétain, que vai entregar a Mussolini a «Medalha Militar», a mais alta distinção militar francesa.—(Havas).

BOLSA DE LONDRES

LONDRES, 12.—Bolsa de valores: pouca actividade, devido principalmente á expectativa motivada pelas declarações orçamentais da ultima segunda-feira. Fundos britânicos, em geral, mais altos.—(Havas).

RUTHER—pelo seu aspecto agradável, pelo seu perfume suave, pelas suas magníficas propriedades antisepticas e revigorantes é o tónico que o cabelo de V. Ex.ª necessita. Não se deixe envelhecer, cuide dos seus cabelos.

A venda na Drograria de Silva Neves & C.ª, Lda., 229, rua da Prata, 231.

Jóias, genero antigo
Lindos modelos e preços muito baratos. Compra-se ouro e prata. Paga-se bem
Ourivesaria Santos Catita, Lt.ª
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 44

LEITE ALPINA
PASTEURISADO
Em garrafas seladas. Distribuição aos domicílios de Lisboa e Linha de Cascais.
Pedidos a ALPINA, Lda., Carcavelos ou telef. 21838 Lisboa.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias—Venerologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, L. às 15 horas—Telefone 2 9062

Manifestações anti-semitas

nas ruas de Bucareste

BUCARESTE, 12.—Os estudantes da Universidade de Bucareste realizaram violentas manifestações anti-semitas. Os academicos, divididos em grupos, interpretavam todos os transeuntes que apresentassem aspecto físico judaico. As pessoas que, na realidade, pertenciam á raça semita, eram sovadas. Ha muita gente ferida. Um advogado encontra-se em perigo de vida. A Polícia interveio e carregou sobre os manifestantes, que travaram luta.

As desordens foram provocadas pelo facto de ha dias cinquenta estudantes de Medicina, judeus, terem agredido cinco colegas cristãos. Os animos continuam exaltados, pelo que se teme que os incidentes tenham repercussão noutros pontos do país.—(Americana).

Foi restabelecida a ordem

na cidade de Belem

RIO DE JANEIRO, 12.—Notícias de Belem dizem que está restabelecida a tranquillidade. O major Magalhães Barata, ex-interventor no Pará, comunicou oficialmente ao governo ter sido eleito presidente constitucional daquele Estado, pela unanimidade dos deputados presentes á sessão da Assembleia.—(Americana).

Congresso Internacional de Cinematografia

BERLIM, 12.—De 25 do corrente a 1 de maio reunir-se-á nesta capital o Congresso Internacional de Cinematografia em que tomarão parte 400 delegados. A maior representação será a da Checoslováquia, que contará 100 delegados, seguindo-se-lhe as da Franca, Inglaterra, Suíça, Belgica, Austria, Hungria e Suecia.—(United Press).

A questão do Chaco

RIO DE JANEIRO, 12.—Consta que a Argentina resolveu desinteressar-se da questão do Chaco, desde que o Brasil persista na sua attitude de abstenção.—(Havas).

A PAZ ARMADA

Medidas de precaução em Paris

PARIS, 12.—A sub-comissão de Defesa Pacifica, continua a occupar-se cuidadosamente do problema da defesa da população civil contra possíveis ataques aereos. Nos folhetos de propaganda que faz distribuir aconselha a população a adquirir mascarões protectoras contra os gases, e dá instruções quanto á maneira pratica de se procurarem refugios em caso de ataques aereos, ao mesmo tempo que recomenda a construção de caves e outros abrigos de defesa em todos os bairros.—(United Press).

MANIFESTAÇÃO RESOLVIDA

pela Polícia de Paris

PARIS, 12.—Ontem de manhã 300 desempregados organizaram uma manifestação, servindo-se de camionetas de passageiros, nas quais ostentaram grandes cartazes em que se lia o plano de trabalho preconizado pela Confederação Geral do Trabalho.

Quando chegaram á Praça de Itália a Polícia obrigou-os a seguir para o commissariado, onde pouco depois foram restituídos á liberdade, ficando, porém, apreendidas as camionetas. Não se registaram incidentes.—(United Press).

NOTÍCIAS DE ESPANHA

O problema do desemprego

MADRID, 12.—Francisco Cambó, ex-ministro das Finanças e chefe da Liga Regionalista Catalã, fez ontem uma conferencia sobre assuntos economicos, preconizando a necessidade de se adoptar em Espanha uma «politica de grandes trabalhos publicos», a exemplo do que se pratica nos Estados Unidos e na Argentina para «remediar o desemprego e a crise industrial».—(Havas).

As cadeias não chegam para os presos

MADRID, 12.—O ministro da Justiça declarou que o numero de presos, que outrora era de 7.000, é actualmente superior a 24.000. Em vista do Governo encontrar dificuldades para os alojjar, pensa em apressar a criação dos campos de concentração.—(Havas).

O rapto do milionario Bonet

já que fazer á Polícia de Havana

HAVANA, 12.—O rapto de Falla Bonet pelo resgate do qual foi paga a quantia de 300.000 dolares, causou grande sensação e alarme em todo o país. A Polícia conseguiu já recuperar 10.000 dolares dos 300.000 que foram pagos pelo resgate. Aquella soma foi apreendida em varias casas comerciais, o que vem confirmar que a Polícia tem, de facto, em seu poder o numero das notas que foram entregues aos autores do rapto.

Foi já effectuada a prisão de 20 individuos, supostos cúmplices do rapto, mas crê-se que pelo menos 16 sejam dentro de breve restituídos á liberdade, por nada se provar contra eles.

O tenente da Polícia, Juan Padron, declarou aos jornalistas que ha suspeitas de que o sequestro do milionario Bonet haja sido levado a cabo com a connivencia do partido «Joven Cubano», presidido por Antonio Guiteras, ex-ministro do Interior. Esta suposição, contudo, acrescenta o tenente Padron, carece ainda de provas.—(United Press).

Morte do conde de Dundonald

LONDRES, 12.—Com a idade de 82 anos, faleceu hoje o conde de Dundonald, coronel honorario do 91.º regimento de «Highlanders», que prestou relevantes servicos ao país durante a Grande Guerra, especialmente ao Almirantado Britânico. Serviu tambem no Egipto e na Africa do Sul.—(Havas).

Não queira envelhecer prematuramente...

Juvenia, palavra o diz, é a juventude dos cabelos.

Dissimuladamente, pouco a pouco, torna o cabelo, branco ou grisalho, a cor que tinha antes.

A sua applicação é simples e facil, podendo ser feita em casa sem a dispensa de ajuda de ninguém.

Juvenia é um tónico vegetal de cor branca, que não mancha a pele, não suja o cabelo, evita a caspa e não contém nitro.

Por amor dos seus cabelos recuse tudo que não for Juvenia.

A venda em toda a parte.

Os fortificantes polifosfatados são, na opinião dos medicos racionais e estrangeiros, os melhores

M. de J. C. F., depois de uma simples operação de apendicite, não recobrava as forças de maneira alguma. Febres ligeiras de noite. Nervosidade. Fraqueza geral. Nauseas. Vertigens. Urinas turvas. Pouco appetite. Dores de Cabeça. Insónias.

Tratado com vitacola ao primeiro almoço, lanche e ceia, restabeceu-se em 15 dias. (Caso n.º 376).

A Vitacola é o melhor dos fortificantes. Preguntai ao vosso medico a sua opinião sobre a Vitacola.

A Vitacola contém Lecitina, Glicerosfosfatos, Cola fresca, farinhas maltosadas, etc. É de um gosto e paladar deliciosissimos. De grande digestibilidade, não cansa o estomago. Fórmula do Prof. Schweningen, de Berlim.

Lata, Esc. 12850; Meia Lata, Esc. 7850. A venda em todas as Farmacias, drograrias e mercearias.

É um produto da Quimica Luso Alemã, Rua Pinheiro Chagas, 93—L.SBOA.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

PRACA RESTAURADORES, 48, 1.º

Telef. 21738



MOCIDADE ETERNA
casados ha 20 annos
e sem envelhecerem graças ao

RUTHER
TÓNICO BIOLÓGICO PARA O CABELO

**Companhia das Fabricas
Cerâmica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS QUADROS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUEBONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
A super-produção gigante de
JULIEN DUVIVIER com
4.000 figurantes
GOLGOTA

A CONFERENCIA DE STRESA

Os delegados do governo francês vão mostrar a importancia dos preparativos belicos da Alemanha

LONDRES, 12.—A Conferencia de Stresa reuniu-se esta manhã em Isolda Bella, devendo as conversações proseguir esta tarde. Affirma-se que Mussolini, que preside á Conferencia, apresentará hoje o ponto de vista italiano quanto á actual situação politica da Europa. O dia de ontem foi consagrado principalmente á exposição feita pela delegação britânica, tendo nesse momento o primeiro ministro MacDonald insistido sobre os desejos da Gran-Bretanha em demonstrar a solidariedade dos três governos e o desejo de remover qualquer duvida quanto á intima comunhão de pontos de vista entre os três países, cuja politica visa a fortalecer e assegurar a paz no continente europeu. O ministro inglês declarou que um dos principais objectos das recentes viagens emprendidas ás capitais da Europa foi tentar persuadir a Alemanha a reassumir o seu lugar junto dos membros da Liga das Nações, para tornar mais forte a organização da paz. Não significa a attitudé britânica qualquer indulgencia perante as recentes medidas de caracter militar levadas a cabo pelos dirigentes do Reich. A Gran-Bretanha considera a S. D. N. como o unico organismo junto do qual devem ser tratados e discutidos todos os assuntos que se referem á actual situação. O principio da segurança colectiva está em primeiro plano na politica inglesa, e assim, a Inglaterra está disposta a empregar todos os esforços para que as disposições derivadas desse principio possam vir a ser applicação. Além disso, a Gran-Bretanha está absolutamente decidida a lutar por que se chegue a um accordo internacional sobre armamentos, aceitando a fiscalização dos armamentos por entidades nomeadas pela S. D. N. A Inglaterra deseja ardentemente que a Alemanha regresses a Genebra, mas não deixa de estar convencida de que esse objectivo só se atingirá não pondo condições que diminuam a confiança geral, unica base sobre a qual poderá assentar a paz entre todas as nações europeias.—(Havas).

Ha inquietação em Berlim

BERLIM, 12.—As ultimas informações vindas de Londres chegaram demasiado tarde a Berlim para que a imprensa da manhã possa já reflectir as reacções dos circulos governamentais. Os jornais berlineses continuam a sustentar que grandes divergencias separam a Inglaterra, a França e a Italia, e dizem que os ingleses querem a continuação das conversações com o Reich.

O «Berliner Tageblatt» mostra-se um tanto inquieto, e escreve: «A Inglaterra entende que não pode desobrigar-se dos compromissos já assumidos. Desse ponto de vista, quer que se lido dizer, trata-se naturalmente de coisas novas, dizendo respeito ao reconhecimento do tratado ou a uma interpretação franco-inglesa, das obrigações decorrentes do mesmo tratado».

O «Voelkischer Beobachter» pergunta se a colocação de corobas de flores pelos franceses e ingleses no tumulo do general Cadorna, não seria uma manifestação a considerar.—(Havas).

Vai ser convocada uma nova Conferencia?

LONDRES, 12.—«A Alemanha será chamada a tomar parte numa conferencia a realizar após a reunião do Conselho da S. D. N.», pergunta o correspondente em Stresa, do «Daily Telegraph».

Este jornalista julga saber que a delegação inglesa tem insistido para que se discuta a possibilidade da Alemanha

participar nas futuras discussões. O jornal acrescenta que é de esperar que Berlim seja consultada a esse respeito, e diz que se fala já de outra conferencia, mais vasta, a realizar na Italia, depois do Conselho da S. D. N. O «Daily Herald» escreve que o gabinete inglês julga que a Alemanha pode reconsiderar sobre a sua recusa de participar em pactos de assistência mutua. Vão continuar os esforços, acrescenta, para descobrir as finalidades verdadeiras da politica da Alemanha.—(Havas).

Um accordo entre as três delegações

STRESA, 12.—O espirito de cooperação que parece ter reinado entre os delegados franceses, ingleses e italianos, nas primeiras conversações da Conferencia de Stresa, deixa antever que os resultados da referida Conferencia poderão vir a ter grande importancia na questão da manutenção da paz na Europa. De uma forma geral os pontos de vista da França e da Italia estão de perfeito accordo, o que possivelmente conduzirá os delegados britânicos a modificar a attitudé de incerteza que demonstram no respeitante ás medidas a adoptar.

Nos circulos franceses e italianos continua a dizer-se, com insistencia, que se MacDonald voltar a tratar do desarmamento, as delegações franceza e italiana se oporão terminantemente, por considerarem esse facto uma demonstração de recuo.—(United Press).

A convenção franco-russa

MOSCOVO, 12.—A agência Tass confirma que se realizou, em principio, o accordo entre Paris e Moscovo relativamente ao projecto para uma convenção de segurança, que deve ser brevemente assinada.—(Havas).

Um desmentido da Polonia

VARSOVIA, 12.—Tendo a Imprensa alemã publicado um telegrama, segundo o qual a Polonia teria feito constar á S. D. N. que não participaria duma reunião em que se condemnasse a attitudé da Alemanha, pelo seu restabelecimento do serviço militar obrigatório, os melos autorizados declaram que a Polonia nenhuma diligencia fez em Genebra.—(Havas).

MacDonald vai a Genebra

LONDRES, 12.—O correspondente do «Daily Mail» em Stresa diz saber que MacDonald resolveu, definitivamente, ir a Genebra.—(Havas).

Espera-se que a Conferencia chegue a um accordo

ROMA, 12.—Tem-se a impressão de que a Conferencia de Stresa acabará por um accordo, que incluirá a Alemanha. Embora as três nações se declararem prontas a uma acção comum, para impôr ao Reich o respeito pelos tratados, cre-se, geralmente, que o principio de assistência mutua será de tal modo atenuado que permitirá a adesão da Alemanha a um accordo geral. Há boas razões para crer que Piandin e Laval, quando não abdicarem do principio de assistência mutua, estão prontos a aceitar uma formula que não desagrade a Russia, nem afaste a Alemanha. O resultado deve ser um pacto europeu, pois parece que Hitler está pronto a aceitar um sistema de segurança baseado nos pactos de não agressão e em que a assistência mutua não seja automatica, como está previsto, mas resolvida pela S. D. N.

A França e a Italia procurarão levar a Conferencia a uma attitudé decidida e forte, que tenha influencia nas resoluções do Conselho da S. D. N.—(Americana).

A opinião dum jornal sueco

ESTOCOLMO, 12.—O «Attenblad» aprecia os possiveis resultados da proxima reunião extraordinaria do Conselho da S. D. N., que deve apreciar o memorandum francês relativo ao rearmamento do Reich. Aquele jornal diz que a Suecia e os outros Estados escandinavos não podem sancionar a reclamação apresentada em Genebra, por se tratar de uma injustiça com que se pretende alvejar uma grande nação. Acrescenta: «Não corresponde á moral do povo sueco defender um artigo do tratado de Versailles que nasceu numa atmosfera de odio e que foi renegado, primeiramente, pelos que o impuzeram».—(Americana).

Hitler não formulou reivindicações coloniais

BERLIM, 12.—Os jornais apreciam a situação geral da Europa perante a Conferencia de Stresa. A «Deutsche Allgemeine Zeitung» diz que a Alemanha está pronta a aceitar um accordo colectivo de segurança, desde que não contenha a clausula de assistência mutua. O mesmo jornal faz suas as palavras da «Libre Belgique», de Bruxelas, que disse ser absolutamente justificada a repugnancia polaca pelo pacto Oriental.

O «Tag» declara que Hitler não formulou quaisquer reivindicações coloniais, e que muito menos impôs a satisfação de qualquer desejo como condição para o regresso á S. D. N.—(Americana).

Um «dossier» preparado pelo Estado Maior francês

STRESA, 12.—Os delegados italianos, franceses e ingleses, á Conferencia de Stresa, recomegaram ás 9 e 30 horas as suas conversações.

Durante a reunião da manhã os delegados franceses expuseram detalhadamente as razões que levaram a França a apelar para a Sociedade das Nações contra o facto da Alemanha ter decretado o serviço militar obrigatório. Os mesmos delegados informaram ainda que o Governo francês vai apresentar ao Conselho da Sociedade das Nações um volumoso dossier preparado pelo Estado Maior, no qual permenoradamente se indicam os preparativos belicos que a Alemanha vem fazendo desde ha muitos «meses», e que demonstram claramente a má fé da Alemanha no que respeita aos rearmamentos.

De fonte autorizada sabe-se que os delegados franceses e italianos empregam todos os esforços no sentido de levar os seus colegas britannicos a apoiar os seus pontos de vista no tocante á condenação da Alemanha pela Sociedade das Nações, em virtude deste país ter desrespeitado as clausulas militares do Tratado de Versailles.—(United Press).

Reunião do governo inglês

LONDRES, 12.—Reuniu-se esta manhã, na Camara dos Comuns, o Conselho de ministros, que foi presidido por Stanley Baldwin, lord presidente do Conselho. O ministro das Finanças fez uma exposição acerca de varias propostas orçamentais annunciadas na Camara na ultima segunda-feira.—(Havas).

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Incendiou-se na rua do Mundo mais um carro electrico

Hoje, pelas 15 e 30, incendiou-se na rua do Mundo, em frente ao Tavares, quando subia aquella arteria, o carro electrico n.º 425—o terceiro a que, no curto espaço dum mês, tal acontece naquella local, pelo que se suspeita de que haja qualquer irregularidade na instalação.

O guarda-freio, logo que o motor começou a arder, depois da explosão, travou o carro e desligou «troley», evitando assim que o veiculo descesse a rua do Alceirim e provocasse qualquer desastre grave, num momento em que o transito era grande.

Os passageiros que seguiam no electrico abandonaram-no imediatamente, juntando-se no local muitas dezenas de pessoas que comentavam a estranha coincidência de três sinistros identicos se darem successivamente na mesma rua.

O monumento de Sagres

Amanhã, ás 16 horas, reunir-se-á no Palacio de Exposições do Parque Edaurdo VII, devendo ultimar os seus trabalhos, o juri do monumento ao Infante D. Henrique.

AS AUTORIDADES ALEMAS

confiscam os bens eclesiasticos

MUNSTER, (Alemanha), 12.—As autoridades começaram ontem a confiscar os bens eclesiasticos, procedendo em primeiro lugar á arrolação dos bens da Ordem Catolica do Sagrado Coração de Jesus.

Muitos populares tentaram ordinariamente evitar que as autoridades levassem por diante o seu intento, mas foram violentamente repellidos pela Policia.—(United Press).

SEGUIRAM MAIS TROPAS

para a fronteira franco-alemã

PARIS, 12.—O ministro da Guerra, general Maurin, anuncia que enviou novos destacamentos de tropas para a fronteira franco-alemã.—(U. P.).

O encalhe do «Letitia»

LONDRES, 12.—Os proprietarios do paquete «Letitia», que encalhou ontem no golfo de Patras (Grecia), com 350 passageiros a bordo, declararam que, segundo as ultimas informações, não havia motivo para alarme e que aquele navio deveria poder safar-se hoje.—(Havas).

Penas de morte em Espanha

LEON, 12.—O conselho de guerra condenou a duas penas de morte, e a vinte e cinco mil pesetas de multa, Ignacio Gonzalez, que capitaneou um grupo de rebeldes, assassinando um guarda civil e ferindo outro gravemente.—(United Press).

ARCADIA—Hoje e amanhã FESTAS VIENENSES

Com a celebre Orquestra
BOBBY SAX-FRED TRINSHER
LINDAS DECORAÇÕES
Grandioso successo do
«BALLET CONTINI'S»
e de LOS CHAVALLILLOS SEVILLANOS
ORQUESTRA LUSITANA

ENGENHEIRO INSPECTOR

Manuel Roldan y Pego

O Engenheiro Director Geral de Minas e Serviços Geologicos, representando este Corpo de Engenharia bem como o seu pessoal auxiliar, administrativo e menor, cumpre o doloroso dever de participar que faleceu, em 12 do corrente, em Vila Real de Santo Antonio, o seu antigo director geral o engenheiro Inspector Manuel Roldan y Pego.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

VELHOS PAPEIS

Garrett e Victor Hugo

os divinos românticos

Como o poeta critica o autor dos "Brugraves" — Talento tam unico no grande e no vulgar

Esteve na posse dos irmãos Bertrand, editores de Garrett, um precioso codice de letra do grande poeta, que tem por título "Poésias de J. B. S. L. A. Garrett, Coimbra Anno I. (1821). Na Imprensa da Universidade e que passou depois, successivamente, ás mãos de José Bastos e notario Tavares de Carvalho, que, por ultimo, o ofereceu ao falecido escritor Delfim Guimarães.

Deve, actualmente, pertencer á Biblioteca Municipal do Porto pois o seu ultimo possuidor sempre declarou que, como portuense, deixaria, por sua morte, aquele estabelecimento, esse tão valioso manus-

crita dum dos filhos mais ilustres da Cidade Invicta.

E' tirado desse volume o primeiro indito de Garrett, aqui reproduzido e que constitui a dedicatória desta compilação poetica toda no genero arcádico.

Daquelle codice já foram reproduzidas algumas composições por Teofilo Braga no "Garrett e os dramas românticos", por Delfim Guimarães no seu "Arquivo literario" e ainda por nós num folheto "Annalia", distribuído, em 1932, pela Livraria Moraes, como brinde, por ocasião da Feira do Livro.

Já anteriormente, em 1931, na revista

"Biblos", havíamos dado noticia duma composição erotica do autor do "Retrato de Venus" contida no referido codice, num artigo "Notas a proposito de uma poesia de Garrett".

Os proverbios tão graciosamente exemplificados constam dum pequeno papel, que nos veio da familia de Gomes de Amorim, biografo de Garrett, no qual o poeta os escreveu.

A carta de Garrett, talvez dirigida ao diplomata João Antonio Lobo de Moura, então secretario da legação de Portugal em Londres, deve ser do ano de 1843. Adquirimo-la num leilão de autógrafos realizado na Suíça em 1934.



GARRETT

Lx.º 2 de Outubro

Meu Am.º

Desde a sua ida a Paris que me rendeu ver tam depressa as Brugraves — composição verd.ºe typo d'aquelle talento tam unico no grande e no vulgar — não the escrevi nem sequer agradecei.

Mas sabe o q. eu sou sempre occupado: agora mais q. nunca o estou. Portanto desculpe-me.

Quero-lhe pedir um favor. O Foreign Quarterly publicou em 1828 ou fins de 1827 um artigo sobre Portugal e sobre o Portuguez, aquele jornal q. talvez se recorde eu dirigi no tempo da reg.ª da Sr.ª Inf.ª Isabel: tambem publicou em 1832 um outro artigo sobre publicações minhas litterarias e de Luiz Mousinho. Pego-lhe encarecidam.ºe que me mande estes 2 numeros. Ser-lhe ha facil achar os n.ºs onde quer q. haja a collecção visto q. os annos são infallivelm.ºe estes q. lhe digo.

Se comprar não for já possivel pr.º os não haja á venda (o q. me custa a support) ainda q. sejam emprestados p.º quem pode-mos mandar sem receto pr.º os restitu pela volta do paquete.

O nosso Min.º dos NN.º EE.º é assez debonnaire p.º me poder mandá-los com sobrescripto a mim apezar de deput.º da opposição.

Se porém tiver q.ºr.º escrupulo, pode sobre o meu sobrescripto p.º outro dirigido ao Ill.ºmº Ex.ºmº Sr. Joaquim Larcher, do C. de S. M. e Vice-presid.º do Conservatorio Real de Lx.º — o q. é o m.ºmº q. vir-me directam.ºe a mim. Agui não ha nada de novo por ora. Estamos todos doentes de mau humor e receiosos uns dos outros: é da quadra.

Sabe, mas não se esqueça, de q. sou deveras

De V. Ex.º

Am. V.ºrº Obrig.º

J. B. de Almeida Garrett

P. S. — Pego o favor de mandar entregar a inclusa, proposta.

Á Amor, e á Amizade, a Annalia, e aos meus amigos

Não a filhos de reis, não a Mecenas,
Mas a vós, que a amizade, e amor fagueiro

Fez em meu coração, não rei, mas nunes
A vós dedico só meus rudes versos.

Se os fracos, debeis sons acharem graça
Em vossos olhos, nada mais desejo;
E se a Annalia um sorriso, um ai piedoso
Mercedem sequer, nada mais quero.

Dêe amor, amizade sacrosanta,
Ei-la no vosso altar deponho a lyrã.
Em vossos glorias cantar, carpir saudades,
Suspirar de prazer, e de ventura;
O meu canto, os meus ais, e os meus suspiros,
Inspirados por vós, serão divinos.

Ahi se o meu estro, de affrouxado, e pobre,
Não sabe desparrir do Pindo incantos,
Nem tocar-se das flores do Permesseo;
Só no meu coração lede os meus versos;
São minhas musas só razão, verdade;
O vate não fallou, foi voz do amigo,
Nem o amigo fallou, se o homem cumprio.
São primicias do canto a humilde offerta:
Nas debeis azas mal despontão plumas,
E acobardado temo o ingenho infante.
Em vossos corações encontre abrigo,
Acho descanso na amizade vosssa.
Vinga dum voo o Pindo a ave de Jove;
Mas do monte nas quebrás repousando,
Tambem lá chegará rasteira pomba.

Coimbra, 1 de Março anno I (1821).

Proverbios exemplificados

Ralham as comadres descobrem-se as verdades, explicado no juizo de Paris.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes—Heloisa e Abellard.

Depois do asno morto cevada ao rabo—Inez de Castro.
Se queres vér o villão mete-lhe a vara na mão—Sancho na ilha.

Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio.—Disputa de D. Quixote e Sancho sobre os açotes.

Quem mal não crê mal não cuida.—Instituição da Jarreteira.

E muito curiosa, pois, traz uma extensa referencia a Victor Hugo, o notavel romantico francês, a quem Garrett, nas suas obras, apenas allude duas vezes: no "Arco de Sant'Anna" e nas "Viagens na minha terra".

O celebre drama em verso "Brugraves" havia sido levado á cena, no Teatro Francês, pela primeira vez, na noite de 7 de março de 1834, suscitando ruidosos e hostis manifestações.

Ha uma tradução portugueza desta peça teatral publicada em Aveiro no ano de 1853 por José Maria de Sousa Loba, com o titulo "Os Brugraves trilogia por Mr. Victor Hugo traduzido livremente do francês".

O Portuguez foi um jornal pollico, muito atacado pelo celebre padre José Agostinho de Macedo, que se publicou em Lisboa nos annos de 1826 e 1827.

The Foreign Quarterly Review, London 1832, contém um extenso artigo sobre a litteratura portugueza, attribuido a Southey, em que vem uma fisionomia apreciação sobre o "Parnaso Lusitano", em que Garrett colaborou com a "Historia abreviada da lingua e poesia portugueza e sobre a Adozinda".

O ministro dos Negocios Estrangeiros a quem a carta se refere deve ser José Joaquim Gomes de Castro, depois conde de Castro; Joaquim Larcher era um amigo de Garrett desde os tempos de Coimbra e foi, depois, um dos seus testamentarios.

Aqui ficam reunidos mais uns elementos desconhecidos para o conhecimento da alta personalidade litteraria de Garrett.

Henrique de Campos Ferreira Lima

NOTAS PARA UM GUIA na Terra de Ninguém

II por **JOAQUIM MANSO**

O homem é por sua natureza um animal desconfiado: val andando e interrogando as esfinges que muitas vezes são invenções dos seus vãos rezeiros.

Para se tranquilizar, oferece sacrificios aos deuses.

O seu corpo que aspira a criar attitudes pomposas e a traçar gestos de orgulho vive num desassossego permanente: nas suas fibras nervosas e nos seus músculos passa o universo em pavores subitos, irremediáveis.

O importante é vencer o medo. Desde os tempos prehistóricos, a luta contra o invisível e as suas mil garras que se agitam na sombra alinda não conheceu tregua. A morte revela-se dumha fecundidade inesgotável na produção de espectros e duendes que espalham pelo mundo estranhas alucinações arrepiantes. A prova suprema da coragem dá-na os que ousam encarar-la sem temor dizendo-lhe:

—Aproxima-te e toma-me nos teus braços.

Se, acaso, fosse possível despojar-lhe do misterio que a envolve, dando-lhe um lugar nos nossos pensamentos e nos nossos cuidados, ela entrava na serie já longa dos bichos domesticados. Que bucolismo, se a vissemos a nosso lado familiar e serena, sorrindo-nos e inclinando-se para nos segredar:

—Aqui estou á tua espera, mas faze de conta que, como as Sinfonias de Beethoven, sou uma voz que adormece, no silencio mais profundo.

Seria isto, um bem ou um mal?

A inquietação assopra a faulha que estremece debaixo das cinzas, gerando as fogueiras que nos abraçam e purificam. A historia, bem vista e bem estudada mostra-nos como os enigmas que nos perturbam e os obstaculos que nos toparam no nosso caminho nos incitam a longas caminhadas na noite, a fim de roubarmos ás estrelas o seu segredo.

A dor empurra-nos para a frente, impedindo que nós nos contentemos com o machado de sílex ou a ciencia dos feiticeiros. Desde o momento que a morte surge fatalmente com a sua lei inexorável, não poupando nem a obra nem o operario, o desanimo total devia paralisar os nossos movimentos.

Trabalhar, para quê? Pensar, imaginar, interrogar, criar e inventar, que significado humano ou divino encerram?

No entanto, apesar da terrível duvida que se vela nestas perguntas, o homem não se petifica, mas redobra de curiosidade sondando o desconhecido, mesmo quando, após esgotantes labores, o desespero o leva para as negações terminantes.

Pascal compreendeu que a contradicção é um principio de vida, na sua forma aggressiva e turbulenta: na nossa consciencia debatem-se temas inconciliáveis e travam-se batalhas que nunca acabam.

A logica de Hegel ousou, num golpe genial, numa arremetida heroica contra os bandos de mortecegos que rodeiam as auroras e meios-dias do saber, escamotear a imagem demencia que o autor de *Pensées* avultava e esculpia, com prazer sarcástico. No seu entender, no universo reina uma ordem, uma idea, uma norma de que o entendimento extrai uma harmonia.

Kirkegaard, pelo seu lado, emendou:

—Não uma harmonia, mas uma angustia.

Eis a expressão exacta: uma angustia—a tortura de nos zen-

tirmos ousados nos desejos e miserios nas realizações.

Kirkegaard experimentou, num largo alvor romantico, seguir a bela rota metafisica traçada por Hegel. Prestes se fatigou, brandando:

—O viadante, volta para trás se não queres cair no precipício! Não ha perspectiva para os nossos olhos espirituaes nem planuras para os nossos passos. Por toda a parte, a verdade conduz á não-verdade, a illusão á desillusão a creença ingenua á decepção amarga. Fora do homem não existe o homem. Acceta o teu destino como ele é e não busques horizontes largos nem esperanças ilimitadas. Vive na angustia e arranca dela quanto necessitas para não ficares cativo no mundo em que nasceste. Para conquistares a liberdade, escute-te a ti proprio!

Sempre a barragem da Terra de Ninguém. O nosso Antero na sua feição de peregrino visionario, de romantico contra o romantismo, foi uma das mais perfectas encarnações da angustia Kirkegaardiana: com que mortal turvação ele não pretende devasar o país desconhecido para onde o impelle a sua desventura! Pergunta insaciadamente:

—Quem sou eu? Que visão transparece, sob o veu das apparencias?

O poeta nunca chegou a sair desta fase ansiosa, rompendo a falsa couraça de cavaleiro, de encontro ao muro que a sua musa levantara, na persuasão de que estava nas terrenas possibilidades de construir um lar nirvanico sem barro nem pedras. Findou no suicidio, atormentado como o martir que fere o seu coração com as setas que disparava para o Infinito:

—Porque só a dor é verdadeira? Como passar de Aquem para Alem? Que principia depois da morte? Como ligar o homem a Deus? Que valor tem o sacrificio na cadeia das fatalidades? Podem os cativos respirar a liberdade ou a liberdade é o grilhão ironico dos cativos?

Antero, como tantos outros, esbarrou nos limites da Terra de Ninguém, recusando-se a pôr as mãos no rosto para não manter a cega admiración da sua infancia. O seu exemplo—no extremo oposto do de Frei Agostinho da Cruz—mesmo descontando tudo que a doença insinuou entre os seus gemidos, queda como a demonstração eloquente e dolorida de que os caminhos se confundem, quando nós mudamos os pontos cardinaes, avançando para o poente crendo que demandamos oriente.

A invenção moderna deixou de ler os Sonetos, porque não lhe

sorri a idea de trocar o heroismo das aventuras pela poeira gelada dos cemiterios.

Pascal collocou o *esprit de finesse* acima da geometria. Quem quizer transitar geometricamente do Finito para o Infinito talqualmente as locomotivas cortam as fronteiras embarca-se-á na Terra de Ninguém. O silencio torna-se tamanho que nenhum clamor o molesta.

Nem Byron nem Keats nem Antero lhe ofuscariam a majestade. Valery, com a sua maneira subtil de debruçar-se sobre os abismos recua perante a tentação de transpor a insondável *cassure* que se rasga na imensidade, ao sairmos pela morte do espaço e do tempo.

Que é a eternidade?

Evita a resposta, por não possuir a coragem de Pascal que resolutamente declarou:

—A ciencia que não se limita resulta inutil e perigosa. A geometria não mede Deus que não tem medida. Fazemos uma joqueira do nosso orgulho e á luz dela vejamos a nossa miseria. Não ha passagem deste mundo para o outro que não fosse estabelecida pelo Criador. Não é pela ciencia, mas sim pelo amor que se juntam os contrarios e se soadam os inconciliáveis. Que louca pretensão queremos arguar um ponto sobre o sustido que os nossos erros aumentam, fingindo encurtá-la!

A flecha e a tartaruga de Zenão jamais sairiam das fracções que haviam de percorrer e andar, se a vida se guiasse por calculos e operações mathematicas. A melhor traça para obscurecer Deus consiste em formular as nossas razões, obliterando as suas. A Terra de Ninguém alarga-se com a duvida e aperta-se com a fé. O medo estende sobre ella espessa neblina.

A sensação, que Proust demodadamente analisou, elevando-a á categoria das ideas platonicas entremostra-a na derradeira fimbria da mais remota distancia, sem nos dar o seu contacto.

A proposito da filosofia de Jaspers escreve Louis Lavelle:

—*Jaspers sentiu admiravelmente que o eu não pode bastar-se a si proprio, que o que ele é excede de a seu respeito—motivo por que o que sabe a seu respeito—motivo por que ele se encontra em estado de surpresa constante. O eu não pode existir, a não ser em condição unica e privilegiada; é nela que exerce a sua liberdade; pode-se dizer com razão que ella o constrange, mas sem ella nada seria. Reconhece-se assim que toda a vida é uma encarnação, isto é um misterioso laço entre o infinito onde se encerra. E a idea da nossa vocação é a unica que nos pa-*

rece capaz de reconciliar em cada ser o seu voto mais intimo com a rigorosa necessidade do seu destino.

A Terra de Ninguém não está fora, mas dentro de nós: todas as vezes que abandonando a fecunda vida interior entregando a nossa alma ás paixões e ás sensações como o cordeiro aos lobos, logo ella desenha, em face das nossas interrogações, a sua enigmatica extensão. Valery detem-se e inclina para si o murmurio tenue da inspiração que, guiada pelo ritmo, pensaria aventurar-se mais longe.

—Que miragem me persegue?

Valery, logico com a geometria, admite a Terra de Ninguém, embora a porção do poesia que o obriga a auscultar o «eu», instante por instante, lhe recorde que essa tremenda «aparição» desaparece, desde que a fria analyse ceder o lugar á elevação religiosa. Fazer da alma um deserto, na quimera de a resgatar das seculares superstições, devorou Lucrecio na sua solidão povoada por uma chapeleira de átomos.

Deus palpita em nós, porque nos criou, mora em nós, porque nos ama.

Havemos nós de corresponder á sua bondade, cavando para nos afastarmos della profundidades insondáveis?

Segundo a indicação de Jaspers, o «eu», que não é o absoluto, oriente-se com tal decisão e energia que no momento em que se encontra mais proximo dele, liberando-se e conquistando-se, e tambem quando está em vias de aniquilar-se.

Concordamos com o illustre mestre, menos com a aniquilação. Deus não se entretem a criar para exterminar: o seu gesto multiplica, não extingue as formas e as essencias. A lei do amor, que implantou, nos orbes e no firmamento, não se conforma com o gesto do sibarita que goza, demolindo as maravilhas que o deliciaavam.

Reputamos negavel que a alma humana não se consume na contemplação dos seus dons, por trazer na instilação e revelação do seu destino promessas que trançam, demas as amarras do nosso corpo. Se mentisse á sua vocação, cometeria o peccado do prisioneiro que corta as grades do presidio para se suicidar depois livremente.

A lição de Pascal continua em plena actualidade: ou Deus, ou nada. Urge mover-se sem hesitação, agora que tanto se fala na liberdade de escolha. O homem que se resigna a medições longas, pensando o pró e o contra, por meses e anos, sem resolver-se a quebrar a teia de Maya, cadaveriza-se insensivelmente.

Para que a Terra de Ninguém perca o seu caracter de irremovível pesadelo, require-se simplesmente que nós não procedamos como o despota que se considera perseguido, precisamente quando promove as suas mais violentas perseguições.

Gritar contra o misterio, de que vale?

O misterio não é contrario á nossa vocação, pois a acorda do seu torpor.

Que sugestão nos comunicaria o mar, se as suas ondas e vagas não continivessem a atracção do Fisco?

O misterio não oprime nem atrapa a nossa razão, visto constituir a ballisa inalteravel das suas disciplinas. A orgulhosa preocupação de o desvendarmos sustenta as muralhas da Terra de Ninguém—o que enclausura a nossa alma nos ferros da sua suposta independencia. A materia conclui realmente no esboço das suas limitações, mas, antes de la, por cima della e além della, Deus fixou o seu imperio.

10—IV—1935.

JOAQUIM MANSO

CONTROLAR OS VOSSOS SERVIÇOS DE TRASPORTES

Quereis saber o tempo exacto que as vossas camionetes levam a carregar, descarregar, e a transportar qualquer material?

Quereis tambem saber quanto tempo perdem os vossos chauffeurs com descancos, etc.

Aplicai um relógio de controlé

“ZENITH-Recorder,”

que vos ajudará a emendar os erros ou faltas de organização e que será o fiscal mais barato, mais rigoroso e eficaz que podereis arranjar.

Oliveira & Córte Real, Lda.
R. dos Panqueiros, 62, 2.ª, D1—Lisboa

Comboio de excursão a Braga, no domingo, 14, organizado pela C. P.

A C. P. effectua no proximo domingo 14 um comboio de excursão a Braga, que partirá da estação de Lisboa R. de 7 e 11 (chegando a Lisboa no regresso ás 2 e 05. (Ver horario no cartaz).

Este comboio levará carruagens especiais para o Porto.

Preço—para Braga, 55000. Marcação 2450. Preço—para o Porto, 50000. Marcação, 2150.

Os bilhetes são validos tambem para Cris, Campanhã, Ermesinde, Farnalico e Nino.

Ocasão verdadeiramente excepcional para visitar num dia Braga a linda capital do Minho, os seus magnificos monumentos, o Busselo, e essa estância privilegiada, maravilhosa da natureza, que é o Bom Jesus do Monte.

Notas em circulaçao

A OUTRA "VERDADE"

A GRANDE DECARENCIA do livro em Portugal



Um novo magazine literario «Espelhos», appareceu no Rio de Janeiro, collaborado por alguns dos melhores nomes da litteratura do Journalismismo e da arte do Brasil:—Azevedo Amaral, Tristão de Ataide, Gastão Penhalva, Buarque de Holanda, A. A. de Melo Franco, etc. Candido Campos, tão conhecido e estimado em Portugal, publica all uma carta de Dario Nicodemí, acompanhando-a de lucidos e agudos comentarios, que, de facto, ella merece. Nicodemí escreveu essa carta em 1922, na—data do centenario da Independencia brasileira—vespera duma conferencia que ia realizar no Teatro Municipal do Rio, em plena hora de trabalho, pois, e talvez de inquietação pelo exito que desejava.

Mas não traia então nenhuma attitudede de receio ou de cansaço. A carta é somente um hino de louvor á metropole encantadora, que Dario soube olhar e observar com precidente verdade. Cite-se este pequeno trecho, e realmente revelador de visão justa e profunda:—«Do genio da vossa estirpe salu uma cidade maravilhosa... A transformação é total». Nem por isso me sinto novo na cidade nova—porque o espirito de bondade patriarcal e a cordialidade aggressiva que vos distingue entre os povos do mundo não mudaram». Dario Nicodemí voltara ao Rio de Janeiro depois de longos annos de ausencia. E tudo achava transformado, menos o espirito de cordialidade aggressiva». Quem nas suos condicoes não terá a mesma impressao deliciosa e perturbadora?

Basta ler a poesia brasileira, com seu lirismo amplo e abrigante, basta conhecer a intelligencia brasileira, com seu largo voo que abraça e atinge horizontes vastos e alturas vertiginosas, para saber, afinal, que tudo mudará no Brasil, excepto a capacidade hospitalleira de acolher e acarinhlar homens e ideas, sonhos grandes e incitativas generosas—o impeto, a complexidade, as palpitações e o ritmo da vida e do universo interiores. Nobreza e magnanimidade de ingenitas, em que reside a explicação do seu extraordinario progresso e do seu construtivo amor do futuro.

A mumia de Cleopatra



A mumia de Cleopatra estará em Paris, pergunta em «Le Journal» a editora Myrtilin Harry, respondendo logo quasi afirmativamente. Importará muito saber esse pormenor da vida «post-mortem» da rainha sedutora? Não o cremos. Diz Myrtilin Harry que a preciosa reliquia a trouxera Bonaparte no regresso do Egipto, e que o futuro imperador teria mesmo passado a sua noite mais olosora com ella, debaixo da tenda guerreira, perto das Piramides. Tudo isso é curioso, sem duvida, mas não pode fazer-nos esquecer que só na lenda e na litteratura existem hoje as imagens e lembranças que tinham sempre ardente e moça a recordação de Cleopatra. Talvez os embalsamadores egipcios preparassem e embalsamassem tão bem o seu corpo gracil que elle chegasse até hoje com a apparencia e a beleza da vida. Talvez... Onde, porém, a ultima dos Faraós vive immortalmente é, por exemplo, na peça de Shakespeare, e em outras obras que a ressurgem na elegancia das attitudes, na perversidade ingenia do olhar, na ternura dos abacos, na voluptuosa das palavras de amor, criadas através da boca ansiosa de beijos. Não duvidamos de que seja um optimo numero» de propaganda turistica para Paris—como quer Myrtilin Harry—a existencia dos ossos de Cleopatra em qualquer canto da terra da capital franceza. Perder tempo a ver o sitio onde repozam—para quê? Antes ler as paginas ternas do «Antonio e Cleopatra» do que meditar sobre a hipotetica sepultura da hipotetica mumia, da «Circe do Nilo».

Enquanto o «Bandarra» vai ouvindo os editores sobre a crise do livro portuguez o «Diario de Lisboa» entende ser conveniente colher do sector dos autores, não menos autorizados a emitir opinião sobre o caso, nem tam-pouco menos interessados em ver debelada essa crise, a qual, e mais do que a ninguém, profundamente se afecta, um parecer, um comentario, um depoimento.

Quiz o acaso que, levados por tal proposito, encontrassemos no nosso caminho o escritor Cesar de Frias, pessoa que, independentemente da sua obra litteraria, possui especials attributos para versar o momento assumto, em vista de, quasi ininterruptamente, ha bem mais de uma dezena de annos subscrever na imprensa chronica relativas ao movimento intelectual portuguez, sem exclusão mesmo dos seus aspectos economicos e dos problemas tecnicos do livro. Isto a acrescentar que foi de sua iniciativa e por elle proprio editada, com evidentes sacrificios pecuniarios e de energia, a prestante «Revista Literaria», cujo programma tinha como fulcro o aperfeiçoamento das nossas edicoes, a expansao do seu mercado e o incentivo á cultura intellectual, tendo sido, deste modo, como que a precursora dos nossos modernos semanarios litterarios.

—Que julga do inquerito aberto pelo «Bandarra»?
—Considero-o de grande oportunidade, como allias tudo quanto contribua para activar a nossa vida litteraria, mais propensa ao marasmo que á agitacao. Contudo, alguns dos livreiros que já foram ouvidos, sobretudo os primeiros, a par de considerações sensatas exteriorizaram conceitos absolutamente desastrosos...

—E verdade. Refiro-me ao atado, de todo o ponto injusto, que nas referidas respostas se inclui, aos autores, velhos ou novos, mas principalmente a estes ultimos. Para esses livreiros, uma das causas da verificada crise do livro consiste na falta de originaes capazes, de originaes que interessem o publico. E é por isso, dizem, que recorreem ás traduções.

—E não é bem assim, em seu entendido...

—Pois não. O que éles, editores, deveriam confessar, é que se descurdaram, de ha annos a esta parte e quasi por completo, de formar novas geracoes litterarias, de dar estímulo a nomes recém-nascidos, de recurtar o elenco dos consagrados de amanhã—função que, ingenuamente, lhes incumbia e lhes incumbiu, quer para assegurar o futuro do seu negocio, quer para garantir a continuidade da litteratura patria. Quanto a autores novos, limitarem-se a explorar os nomes feitos, por dal lhes advir lucro certo, e como que convitos de que a esses escritores está reservada uma existencia ainda mais longa que a de Matusalém e sempre com o talento fecondo e vigoroso... Quanto a traduções, só, em geral, lhes sorriram obras de escandalo, politicas ou licenciosas. Os livros essenciaes ao progresso da nossa intelligencia os que virmos revelar-nos as modernas correntes do pensamento e da estetica, os que nos poriam em contacto com as mais altas intelligencias estrangeiras, esses livros não empacaram aqui, por intermedio dos nossos editores. Se gente nossa os quis ler, lê-lo apenas através das edicoes francezas, das espanholas e, por ultimo tambem, das brasileiras.

—Acha, por conseguinte, que tem havido desorientação nesse campo?

—E grande, manifesta. Devido mesmo, em parte, a essa desorientação, é que se perdeu o mercado do Brasil, e que não só se perdeu esse, como se assiste hoje á invasão do nosso pelo livro editado lá. A meu ver, a perda do brasileiro era fatal, em virtude de que, em fase de crescimento. Emancipada politicamente, tem vindo a emancipar-se, uma após outra, noutras esferas da sua actividade. Chegou a vez da litteratura. Criou-a, sua, á imagem da terra e como ella exuberante. Mal a conhecemos nós ainda, mas ella existe e com grandes valores. Logicamente, criou tambem a industria editorial correspondente, com arrojto, com fortes capitais, não só brasileiros como italianos e alemães, e com maquinismos e processos *up to date*. E foi então o diluvio de originaes e de traduções, desde o livro popular até o de alta envergadura scientifica, em todos os ramos e com uma apresentação redutora, moderna. Podemos nós levar isso a mal? Havia o publico brasileiro de resignar-se eternamente a que os nossos livreiros lhe levassem apenas carregamentos dos sedicoes romancoes de Ohnet e de desirosos calhannas de divulgación critica elaborados ha vinte e trinta annos atrás? O produto desse estorcedor aff, si o temos nós á vista, em largas tiragens que permitem tornar seu preço acessivel.

—E assim o livro brasileiro ameaça levar o nosso de vencida.

—Leva-o está claro, por ser barato e bem apresentado e por trazer novidades. E se não inutiliza o nosso, é porque a sua linguagem, com particularidades que repugnã a nossa gente culta, o prejudica um tanto.

—Não ha formosa sem sendo...

—Porém essa linguagem, dada sintaxe peculiar aos brasileiros, pode adulterar a lingua portugueza que nós falamos, e máis do publico menos instruido. Este aspecto do caso é de modo a preoccupar quem tenha responsabilidades intellectuaes.

—X tudo isso, afinal, por desvio dos nossos livreiros.

—Em parte, repito. Que o mercado brasileiro se lhes havia

de escapar das mãos, que o nosso livro perderia ali a hegemonia gozada outrora, já eu disse que tinha de ser. O que seria de deixar é que não fosse tão precipitadamente nem com efeitos tão ruinosos. E o pior é que, como colha de magica, se invertem os papéis, passando nós a seus tributarios, o que nos dá a mada orgulhosa impressao de que a metropole do patrio idioma se transferiu para a outra banda do Atlantico.

—Soou, então, a hora da falcencia para a nossa industria litteraria?

—Não. Afortunadamente, outro grande mercado se lhe oferece: o das nossas possessões ultramarinas, onde a civilização se intensifica dia a dia, fixando enormes nucleos de população capaz e necessitada de ler. Acordem elles, os livreiros, descurzem os braços e encaminhem para lá os esforços. Patrocinados, e lentamente, pelos poderes publicos. Ha a requisição de estas medidas indispensaveis e até urgentes. Por exemplo, o beneficio dos portes do correio, a facilidade das transferencias, a ligação, como antigamente, do solo nos cartazes de propaganda, etc... Estas regalías juntas ao barateamento do papel, ao bom-gosto ao arranjo grafico, a uma intelligente escolha nas traduções, ao carinho pelos originaes portuguezes e á intensificação da propaganda, feita esta inclusivamente pela edição de um boletim bibliografico mensal, cuja falta tanto se faz sentir,—há-de, pela certa, contribuir para atenuar a crise que os flagela. Crise que, aliás, não é privativa. É mundial. Até na cultura e ledora Inglaterra houve necessidade de fundar agora uma liga para a propaganda da litteratura, á qual preside o proprio monarca. O cinema e o desporto têm, como toda a gente sabe, desviado consideravelmente do livro as atenções. Mas nunca elle poderá ser banido, quer como agente de cultura, quer como meio de distracção. Quanto ao caso portuguez, temos a explorar um mercado ainda virgem. Rumo á Africa!—é o que os industriaes livreiros devem clamar, do alto das suas pontes de comando. Mas, depressa. Porque, de contrario... os brasileiros, ou outros ainda, chegam lá primeiro!

—A lido deves ser-lhes aproveitadissimo...

—Ora! Tanto mais que a pagar-lhe carta. E o que é essencial é que se deixem de hostilizar e malinar os nossos escritores, avigorando uma incompatibilidade que não ha razão nenhuma para existir. Reparem até nesta verdade cõmestiva: é da seara dos autores que os editores vêm a colher, e exclusivamente, o trigo dos seus celeiros... Consagrados ou novatos, vivos ou mortos, nacionais ou estrangeiros, já caídas as suas obras no dominio publico ou ainda sujeitas a pagamento de direitos,—sem o trabalho dos que escreveram ou escreverem, não ha possibilidade de viverem editores... Isto até poderia ser dito por Monsieur de la Palisse. E elevem o nivel mental da profissão, porque a triste verdade é esta: com rarissimas excepções, o livreiro portuguez está mal preparado para a sua função, que difere bastante da de todo e qualquer outro genero de negocio.

—Não têm pois, os ditores, razão para se ruerem dos outros.

—Nenhuma. Que elles hesitem em editar os ainda desconhecidos, embora tambem isso lhes competeisse, compreende-se até certo ponto, sobretudo nos dias de hoje, em que não ha uma produção intensa a contrabalançar essas tentativas. Mas, seria então mais digno declarar isto mesmo: no estado actual do mercado cujo acanhamento é notorio, e dada a preferencia do publico pelos nomes feitos, não nos é possível lançar estreantes, porque seria jogar capitais á aventura; não penna de que assim seja, mas as circunstancias tohem, se não temem, todas as tentativas nesse sentido... Isto, sim, que os editores poderiam dizer, sem molestar ninguém. E nunca tomarem, como fizeram no inquerito do «Bandarra», ares de supremos criticos, para lançarem a sentença de mediocres sobre escritores cujos manuscritos não leram ou leram mal.

Sorrinhos da malicia do comentario. E o nosso entrevistado prosegue:

—Lêem pouco, quasi nada mesmo, os nossos leitores. E nem sequer têm, como succede já fora, aliás nas mais modestas editorias, junto deles directores litterarios ou uns conselhos de leitura, para a competente escolha das obras. E dessa precaria leitura, dessa sua desatenção pelo movimento das letras nacionais, resulta que ignoram os novos valores que, á sua propria custa (repare-se nas quantidades de cooperativas de escritores que se têm formado nos tempos ultimos—Sociedade dos Autores Contemporaneos, Presença, Mancebo, Cleba, etc.) não surgida e, por vezes, cometerem tremendas, inacreditaveis gafes...

—Uma, cite-me uma só...

—Ohe, aquella que o proprio inquerito de «Bandarra», a que tenho alludido, nos oferece. Um dos livreiros entrevistados, ao perguntar-lhe o jornalista se não lançava autores desconhecidos, tomou magnanimas attitudes de Meezenas e respondeu: «... Ainda ultimamente editei um livro de Rocha Juniors». Esta de apresentar como estreante, como escritor ignorado, um autor que ha multos annos já é figura de relevo no Journalismismo e tambem na litteratura, pois, antes desse livro recente, publicara já, que nos lembra, um cinco ou seis entre os quaes «Veneno, Terras Mouras, Desenhos animados e Rouxinol octavo», livros excelentemente recebidos pela critica e pelo publico,—era, francamente, não lembraria.

—Não lembraria o diabol!—interrompemos.

—Mas, como vê, lembrou a um livreiro portuguez!—concluiu Cesar de Frias, enquntando, pondo termo á entrevista, se despedia de nós.

UM CONTO POR SEMANA

Uma crioula da Brava no Ceu

por AUGUSTO CASIMIRO

Morrera em certo dia magoado, de Sol entre névoas, com qualquer doença do coração. O medico chamado a ultima hora falara de insuficiencia mitral e fizera considerações varias sobre o mau costume, na ilha, das mulheres subirem enostas precipites, caminhos asperos, carregando, e do abuso guloso, excessivo do café. Pois do coração morrera a creoulinha, mas não apenas das subidas *ingres* que vencia cansada, caminhando humilde, a pé e detrás da mulher do seu senhor, marido, irmão ou pai. Vivera morrendo, ansiosa das ladeiras que não subira nunca seu coração feito para a ternura, sempre inquieto de amor. Cansara-o o longo sonho nunca realizado, queimara-o, com a sua vida, a chama doce e ardente dos seus desejos nunca satisfeitos, a magoa da sua alma desconhecida ou desculhada pelos homens, o silencio em que vivera, as saudades do berço que não achara nunca e até a sua propria resignação.

Na hora da sua largada houve *guisa* de choro, um alvoroço de gritos que durou longamente, fez-se mais noite na sua alcova mortuaria. Ela, pela primeira vez, sentiu a alegria que se não diz em palavras, dum infinito alívio. Viu-se mais ligeira que as névoas de junho sob o céu azul. Cresceu-lhe no peito, com a luz das manhãs de depois da chuva, uma claridade de luar e brandura. Todo o seu corpo lhe foi, na illusão de guardá-lo, como na vida fóra a doçura triste dos seus olhos magoados. A alma desprendêra-se do seu corpinho moreno como pomba que se vai do ninho ou arôma que abandona a flor.

Foi então feliz como nunca fóra, nem em sonhos; levava as mãos postas e um sorriso de luar nos olhos como certa imagem de Nossa Senhora, na Ascensão.

Por brandissimas encostas, caminhos de azul e névoa, espiando cada vez mais largos horizontes, subiu a sua alma. A seus pés, o mundo parecia mais pequeno e longe do que a Fajã-d'água em manhãs de azul e verdes quando ela vencia, a arquejar de fadiga, na terra, aquela *ingre* ladeira de *Subi-ceu*.

Como voltasse á propria terra donde saira pequenina, lá reconhecendo agora, na maravilhosa viagem da sua alma, cores, coisas, alegrias que só vira na vida, em sonhos nunca realizados. Como em certos sonhos que vivera em vida, lá leve como *banato* aos beijos do vento branco,—era só assas. Mas nem pesadão nem queda subita, como nos sonhos de outrora, agora lhe interrompia o encanto.

Levava, é certo, apertadinho no peito, um grande recato, a par dum consolado espanto. Eram já belos de mais, para os seus méritos como para os seus pecados, os momentos d'eterna que estava vivendo! Não se julgava digna do céu! Mal acreditava no que via, inquieto no recato de ir por caminho errado, para o purgatorio, sim, era direito a levarem. Mas par: o céu... e toda se humilhava numa vergonha, num melindre que lhe tornava mais ligeiro o vôo de pomba mansa.

De repente sentiu qu... a luz crescia á roda... Se era luz o que ali enchia o mundo e tinha a harmonia da musica mais *sabi* a frescura das manhãs de maio, a alegria azul lílida das mais consoladoras tardes no Campo ou no Canal. Musica, perfumes, alegria, como apenas sonhara dormindo, quando viva, e, ao acordar, saudosa, nunca soubera dizer. Lembrava o murmúrio mansíssimo dum mar que arrolasse névoas, embalando a vida erguida sobre rochas doces de luar ornada... Era o consolo de sentir florescer no seu peito uma rosa imensa capaz de animar de cor e perfume toda a vida, *s'dobrada*, esplendente, a desluzbrar, como depois do *terral*, no céu *cei*, sobre as alturas acasteladas do Fogo, em agosto, o romper do sol.

Diante dela estava um grande pórtico em que brilhavam todas as cores do arco iris. Era mais alto, na luz que dava, do que o *cuteio* das Fontainhas quando a ilha é um beijo verde esmeralda suspenso entre o mar e o céu, afogado em azul. Por traz dos muros translúcidos subiam cantos mais suaves que as mornas de Nhô Eugenio.

Cheirava que era um gosto a incenso e a cravos abertos, no mês de junho, á boca das cisternas.

Cheia de recato, a creoulinha ficara junto á pequenina porta de serviço, enquadrada no portão magnifico do céu. Sem saber, batera, parecia... Porque se abriu um postigoigo ao lado e, como um punhado de névoas da sua ilha a vaguear pelos *cuteios*, viu ondular na abertura os flocos alvissimos de uma barba de velho.

Um olho doce e *morabe* fitava-a lá de dentro. Trêmula de susto, ajeitada ainda á sua vida de sujeição e silencio, ela não disse nada. Mas o olho doce e risinho *s'dobrou-se* como a lua



chela por sobre o mar. E uma voz de velho, carinhosa e branda, em que havia a luz, a musica, a alegria da manhã celeste, dizia:

—Espera, minha filha. Deixa-me procurar as chaves. Um momento só. Estes mafarricos, (eram os anjos) esconderam-mas. Não deixam parar nada... Hei-de queixar-me ao Senhor.

E como percebesse o espanto da creoulinha, reciosa de um engano que lhe trouxesse ao depois mais pena:

—Não tenhas medo, minha filha, disse. Nem erastes o caminho. Aqui é o céu. E, de ha muito (*bedjo*, acrescentou rindo, para mostrar que conhecia o creoulo), eu guardo para as portuguesinhas creoulas da Brava os melhores lugares desta mansão.

A graça do momento, a bondade destas palavras animaram a creoulinha. Mas, como acontecia em vida na sua ilha, teve, mais facilis que as palavras, lágrimas, para responder. Sentiu os olhos rasos de agua. Pez-se um silencio maior.

Então já São Pedro encontrara as chaves que, naquela manhã divina, os anjos lhe tinham extraviado, e entreabria a pequena porta de diamante. De dentro veio um halito luminoso e harmonioso de canticos e de felicidade.

—Entra, entra, minha filha, minha creoulinha da Brava, e não tenhas medo, que o mereceste bem.

Antimada agora, porque São Pedro era de feito e palavras doces como são, na terra, os poetas, a creoulinha, sem dizer palavra, adiantou os olhos num purissimo desejo para a desluzbrada visão do céu.

Azul! Azul! Azul! A perder de vista, milheiraes verdes, névoas claras, casas todas alumia-das e festivas como as da noite do fim do ano, na Brava, e um vento mansinho que ao tocar as névoas lembrava a musica de violinos gemedores!... Depois, tudo tão piano.—Berbum caro!—sem uma ladeira, com *canais* verdes em que cantavam, mais alto e melhor do que na sua ilha, as flores rubras dos *cardais* em flor!

Certas névoas, longe, pareciam-lhe ser uma revoadas de anjos. E a creoulinha espiava pelo céu dentro, num alvoroço desluzbrado, a vêr se distinguia no celestial concerto a figura doce do Nazareno ou o manto azul da sua magoada Mãe.

S. Pedro contou como os Bem-aventurados estavam reunidos do outro lado do céu, em conferencia convocada por Deus com os anjos para falar das injustiças do mundo terreno, desarmar a maldade dos homens e cuidar dos seus males por ventura em vão.

Mais á vontade, a creoulinha depois de ter doce e humilmente fitado o celestial Chaveiro, já ousava dizer:

—Senhor S. Pedro, eu sou uma pobre peccadora. Fiz muito *tôrto* na vida... Deve haver grande engano, Senhor S. Pedro! Eu não mereço a gloria do céu!

O Santo, passando a mão pela vasta careca de lua chela, sorriu com uma bondade de avô velhinho que nunca bebeu *grog* nem fumou. Ela, mais animada ainda, continuava:

—Nhô S. Pedro, *n'sta* *fla* *cusa* *dreto*. Eu não mereço a gloria do céu!

Então o Santo, sem querer pecar contra a divina lei mostrando uma curiosidade imprópria da sua idade e categoria, sorriu mais carinhosamente. E o sorriso dizia: que fálasse e all puzesse para de todo a largar, a pesada carga de pecados que da terra trazia seu coração.

—Senhor S. Pedro, Eu era muito curiosa e *papiadeira!*

O santo Apostolico abanou a cabeça, benevolamente.

—Falei mal, continuou ela, das minhas pobres irmãs da Brava. Dei ouvidos a intrigas, puz *tôrto* em coisas que não levavam mal nenhum. E gostava tanto de ballinhos, Nhô S. Pedro! A morna é tão *sabi!*

O olho doce do Santo sorria cheio de benevolencia.

—Os ballies da Brava, disse, devem ser coisa boa. E a morna... Na dansa da tua ilha ha muita vez tentação e peccado. Porém tu, creoulinha, danstaste sempre com o teu coração puro...

Ela sentiu dobrar a sua careca.

—Senhor S. Pedro! Mas ha *tôrto* maior e eu fui uma grande peccadora. Aceitei o namoro, dei *atenção* a um rapaz que abandonou a mim e o filho nos braços, negando-o, uma rapariguinha do meu tempo! E eu *sabi!*

S. Pedro fizera-se mais sério. Mas não de zanga. De pena, sobretudo. Ele conhecia, sabia muito mais. Mas, no seu coração, não ignorava tambem como a mulher anda exposta, sobre a terra, desprotegida e vítima do egoismo dos homens, do preconceito hipocrita e impiedoso da multidão. Recordava ainda as palavras do Mestre aos fariseus de Jerusaleim. E disse:

—Sim, minha filha. Isso foi peccado grande contra o amor, contra o teu brio e a tua alma. Pede agora, sempre, pelas tuas irmãs da Brava para que sejam melhores e calam cada vez menos em peccado tão mau...

—Sómos tantas na Brava!... Ele ha tão poucos rapazes na ilha!...

—Ah! Deus!—*Paciencia!*—exclamou S. Pedro á moda creoula. E houve um silencio.

—Andei na escola, Senhor S. Pedro. Fiz exames de 2.º grau. Mas depois a pouco e pouco, cresceu em mim o recato de falar portuguez. Tinha vergonha de dizer *toques*. A fala creoula é doce como a nossa ilha é pequenina. Mas o portuguez é *morabe*, abre o coração e o peito como os versos de Nhô Eugenio fazem chorar.

S. Pedro, cheio de risosinha indulgencia, afagou-lhe as faces rosadas e morenas.

E ela, balxinho, confessou-se mais:

—Desde pequenina, trouxe sempre ao colo, um grande desejo imado do meu amor: Ter nos meus braços e ninar, um dia contra o meu coração, um filho, mais branco, mais belo, mais esperto *do ca mim...*

—Deus te val pagar na vida eterna, por esse bom desejo, ainda que o não tenhas realizado, filha!

Crescia o encanto á roda. A Conferencia de Desarmamento fóra adiciada. Um cantico subia no momento infavel e imortal. A creoulinha, confiada, já sem recatos, voltou.

—Senhor S. Pedro! Olhe Vossa Santidade que houve engano comigo. Eu não mereço a graça do céu.

Então o Santo enrugou a ampla testa centenaria e franziu, *grabado*, as sobrancelhas.

—E o que tu sofreste na terra? Não te lembrás? Ora vê lá!—Pequenina, mal andava ainda, logo te deixou o carinho de tua mãe afadagada e curva sobre outros trabalhos e conseiras. Não que minguasse o carinho no coração dela. Mas a vida era dura. Ela vivia. Tinha cinco irmãos.

—Saiste do berço para a fadiga. Trabalhaste, trouxe-te os teus irmãos ao colo, subiste ladeiras, pequenina escrava, penaste sob o calor pesado e as aguas fartas—louzado seja Deus!—nas sementeras, na encorva, em todo o trabalho. Passaste miseria nos anos asperos de *seca*. Amaste. Não entenderam o teu amor. Eras uma fonte viva de ternura, caladinha, ignorada, ansiosa por consolar os labios sequinhos dum amado. Contentava-te se a vida te *lesse*, sobre os dias castigados de trabalho, para consolo de tuas penas, a sombra pequenina, o *barrufo* brando, o embeito o ninho dum humilde mas enternecedor amor. E foste o amor ignorado, a *dádiva* esquecida ou calculada, a escrava silenciosa, e dorida, na tua desilusão. O amor que achaste foi... como as bátegas da chuva que logo passa acossada pelo temporal. Ou como o ruido bruto, que tambem logo passa, da chuva fustigando apenas uma face das grandes folhas das bananeiras sedentas.—Noivinha, as ondas te levaram o noivo, mal começara o teu

Dez minutos com



Maia Alcoforado

Maia Alcoforado é um rebelde literário. Não tem felangue, nem escola. Segue sozinho, vagabundo romântico das idéas, sem que os acidentes da marcha, por vezes bem dolorosos, lhe entibem a sua magnífica coragem. O combatente da Grande Guerra, que a fez no mar, lutando contra os esquilos que, sombriamente, vinham do mar do norte, nem mesmo em terra, quando a paz desceu sobre os povos ludibriando-os nas suas lútuas mais caras, perdeu o gesto heroico da arrancada.

A obra de Maia Alcoforado, embora se resista à sua existência atormentada, o que lhe quebra a unidade, é no entanto, nos seus paroxismos impressionistas e nos seus rãos de idealismos, bela e generosa de paixão humana.

O escritor acompanha par e passo o rebelde, em crónicas livres, de respiração ofegante e pulso febril, que dizem da sua maneira tão forte e impetuosa. O escritor deu-nos há pouco tempo um livro sussurrante de confidências de alma: *A' boas pequenas*. São pequenos quadros uns de drama, outros de lirismo, onde ha mulher, res peccadora, e destinos sombrios, uo impressionismo, sobretudo, pela sinceridade. São farrapos de vida, ensoçados de sangue e de lágrimas, que mesmo transcritos, palpitam ainda da emoção inicial. Damos-lhe a palavra, embora restringindo pela escassez do tempo—dez minutos, apenas!—e do espaço, as suas curiosas confusões literárias:

—Como trabalhas?—pregunta. Agora que vivo na aldeia, a dois passos do mar, rodeado de luz, sem preocupações de passar ás cinco pelo Chitado, nem da tirania do café—trabalho logo que os meus nervos se deixam tocar pela nota vibrante desse desejo íntimo que tanto me inquieta como me consola. Janelas abertas, para o rectangulozinho dum jardim onde ha flores toda a roda do ano—que umas mãos de mulher de estranha sensibilidade tratam com inextinguível carinho.

—O seu método?
—É' duma disciplina que espaventa. Tenho uma mesa tão grande, como as das redacções, juncada de livros, papéis, jornais numa desordem que é o reflexo da minha personalidade. Ninguém lhes toca. Disciplinar aquilo, era dar uma ordem á desordem...

—Quais os livros que preferes?
—Todos aqueles que possam ser salutarres no meu espirito. Lido para estudar. Ha quem leia, apenas, para discutir. Eu lido para penetrar no 'ground' das renovações politicas, filosoficas e literarias...

—Admirações?
—Finalho, o da obra desarticulada e incerta, mas de pginas que nunca mais se esquecem: Eça, o mestre da eterna beleza, Camilo, o de todas as epocas—porque nascem românticos a todas as horas—Ramalho que maior seria se mistor quizesse ser; Raul Brandão, o ultimo dos mais fortes... Dos de agora apenas Aquilino e Ferreira de Castro podem, ser, enquadrados no poligono onde a minha admiração encerra, os outros, juntamente com Teixeira Gomes...
—E dos estrangeiros?
—Stefan Zweig.
—O que pretende atingir quando escreve?

—A perfeição do estilo e ser humano, profundamente humano, descobrindo o que ha sob a epidemia da vida.

—Tem alguns livros em preparação?
—Um livro de versos e uma novela. Agora, porém, estou ainda sob a impressão do *'A' boca pequena*, mancha de contos e de crónicas, escritas no periodo mais doloroso da minha vida, e que parece ter agradado pela verdade e pela emoção que lhe procurei dar.

Poetas modernos

Morto o grande lirico e panfletista que foi Eugénio Tavares, com Pedro Cardoso e José Lopes, da sua geração,— a poesia cabo-verdeana conta entre os seus mais juvenis valores Jorge Barbosa e Manuel Lopes. São do livro deste, a publicar-se, *Momentos*, as poeas que hoje transcrevemos.

LIBERTAÇÃO

Como no Harry se atropelavam
o homem e o lobo da estepe,
—em ti, meu amor distante, havia
a princesa, a cortesã,
e a rapariga humilde da alfaiataria.

Como em certa canção que em minha memoria
ainda, soluçando, entões,
—em ti, havia a mesma historia:
as mesmas coisas más, as mesmas coisas boas...

No teu primeiro gesto de mulher
—ave que vóa e que tem medo de voar—
vi claramente, impudicamente, vi,
muita vida recalçada, por viver.
O teu pudor era o receio
de te entregares inteiramente a ti...

Assim começando, «continuando»,
—eras toda instinto e as tuas vozes atentamente
escutavas—
eu bem sentia que sentias, em cada passo que tu
davias
as mesmas experiencias, recordando...

Com que fria coragem tu defrontas
em teus passos seguros ou inquietos,
dos homens, os abraços, as afrontas,
da vida os seus múltiplos aspectos.

Hoje andas aí... Eu não lamento o teu naufragio!
Tombaste ao mar-alto heroicamente!
Cada braço que estendes tem o ritmo dum adagio
entre o apeteite animal da multidão inconsciente.

Bendita a liberdade que te deu,
trazendo-te, de dentro para fóra,
o que já eras antes de nascer
(e que soubeste atingir em certa Hora!)

Ninguém ainda, ó meu distante amor, te compreendeu...

Tu és a Aurora
da Eterna Mulher.
—implacavel, intangível e serena!—

Que val' que os outros tu não te possam compreender?

EGO

O Mar-Alto entrou em mim...

Sou como tu, o entre choque
das experiencias de tantas vidas!
Entre as minhas experiencias,
—Ondas que me ultrapassam—
sinto-me sósinho e exult:
dionisios decadente
a bracejar no azul...

O meu drama?
E' a vida de toda gente
onda a passar continuamente
na longa monotonia das horas dituidas...
(Oh doce covardia de explicar-me,
justificando as minhas impotencias,
minhas deformidades herdadas e queridas!)

—Sou o Mar-Alto
sempre igual (ou desigual)
e sempre inesperado para mim;
passo pelo espectáculo do meu mundo
desigual (ou sempre igual)
como uma abelha doirada,
enamorada ou fatigada,
p'las flores dum diabólico jardim!

Eu amo triamente
as minhas deformidades...
E beijo a toda a hora com ternura,
o meu cansaço e a minha frescura,
os meus gritos calados que dizem sim e que dizem não,
as minhas ansias cortadas cêrce!
Eu amo em mim aquilo
que me encobre
que é prós outros confusão,
(a confusão de toda gente
que se não descobre...)

A Vida é um naufragio de Horas no mar-alto,
—ordenar, é ter medo de perder-se...

S. Vicente, Março 1935.

Manuel Lopes

(Para o livro *'Momentos'*)

POMBOS CORREIOS

● A Italia festeja no fim deste mês o bicentenario de Horacio, sob a egide da sua Academia.

No Capitolo, de Roma, será lido o texto latino da «Carmen Seculare». Os intelectuais evocarão com uma viagem a Brindis, que será efectuada em «étapes», o itinerario descrito por Horacio na celebre satira V, do livro primeiro.

● Descobriu-se agora que Julio Verne não era francês, mas polaco. O verdadeiro nome do iniciador do romance científico era Julius Olesiewicz, tendo-se naturalizado francês em 1870. Como em polaco Olesiewicz quer dizer amielro ele traduziu-o para francês: verne ou vergne.

● Antonio Lopes Ribeiro vai publicar um livro de versos, com o titulo «Viagem».

● Livros recebidos: «Martirios», romance historico, de inspiração religiosa, de Maria Brak-Lamy Barjona de Freitas; «Serás feliz», novela cinematografica, com aspectos da vida alentejana, de Eugénio Silva; «Mulheres da Biblia», poemas, de Ruy do Vouga (João Pedro da Silva Tavares); «A Ta- baqueira Magica», literatura infantil, da coleção Manecas, dirigida por Henrique Marques Junior; «De Profundis», de Oscar Wilde, num excelente tradução de J. Ferreira Martins; «O Desemprego» e a colocação no regime corporativo», de Ruy Lordelino;

«Cantares de Amor», versos, de Telo de Mascarenhas; o «Almanaque Ilustrado de Fafe», de que é director Arthur Pinto Bastos.

● O professor da Faculdade de Letras sr. Luiz Schwalbach publicou agora dois livros de boa leitura actual e historica: «Uma fase da epopelia nacional (Mar Tenebroso)» e «Algumas Paisagens geograficas» (O modelado normal).

● Urbano Rodrigues vai publicar um livro, de grande interesse, intitulado «Um passeio a Marracos». São descriptivos e evocações de terras que já foram nossas, com larga documentação historica.

● O dr. Campos Pereira anuncia para breve um romance, que se denominará «Novos rumos».

● Os filhos do saudoso jornalista Mayer Garção, uma das penas mais brilhantes da propaganda republicana, vão editar um livro com os últimos artigos politicos de seu pai. Terá, talvez, como titulo: «Notas e factos».

Mayer Garção deixou um livro de memorias, com paginas sensacionais, que será tambem publicado, mas oportunamente.

● Uma estatistica curiosa, que deve «arrefecer» o entusiasmo dos novos impacientes de gloria. Shakespeare tinha quarenta e sete anos quando escreveu a «Tempestade»; Stendhal, quarenta e oito, quando produziu o «Rouge et le Noir»; Balzac tambem quarenta e oito quando terminou «Cousin Bette»; Victor Hugo cinquenta e quatro quando compôs as «Contemplations» e Voltaire sessenta e cinco, quando criou o famoso «Candide». Fausto, porém, bate-os a todos. Aos oitenta e dois, acabou o segundo «Fausto».

● Sabem quantas obras se publicaram em França em 1933? 15.728.

Não se julgue, porém, que seja um ano excepcionalmente fecundo em literatura, visto que no ano anterior se publicaram 15.852 livros.

Em 1920 a média era inda de 6.315 v.lumes, tendo subido, porém, em 1925 para 15.054, numero que, desde então se tem mais ou menos mantido.

● A mesma curiosa estatistica forneceu-nos ainda os seguintes numeros: Em 1933 publicaram-se em França 3.464 romances; 655 biografias e memorias e 619 traduções.

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *Discursos*, do dr. Oliveira Salazar, livro que ha duas semanas detem o primeiro lugar e as *Ruínas do Imperio Russo*, de Chaves Nogales (tradução).

● Livros franceses: *Mallarmé chez lui*, de Camille Mauclair e *George Sand et ses amis*, de Jean de Avray.

A "MENSAGEM" DO DESEJADO

O sentimento sebastianista na moderna poesia

Todos os sentimentos, todas as energias que, com certo vigor e espontaneidade, se manifestam numa raça, acabam por se consubstanciar, um dia, numa obra poetica. Podem seguir-se, ás vezes, na historia literaria de um povo, os caminhos dessa marcha para a perfeita realizacão de um desses sentimentos, de uma dessas forcas em potencial.

Outras vezes a eclosão da obra, perfeita e grande, que realiza a síntese de uma dessas possibilidades, parece mais espontanea, mais desligada da tendencia vital que a determinou.

Que os caminhos sejam mais ocultos, que as tendencias se vão vincando com menor clareza, não quer dizer, por vezes, que, menos de trás, menos justificada por um largo passado e uma profunda vida anterior, seja a obra em que um dos sentimentos de raça se veio a definir, no seu momento ultimo de perfeicão.

Eis uma idea que serviria para um criterio novo de critica e de historia literarias. Por vezes se revelará mais eficaz do que qualquer outro para bem se compreender o aparecimento e o valor de uma obra poetica. Por vezes, porque a criação humana é infinitamente complexa, será de todo inutil ou até prejudicial.

Julgo-a, porém, indispensavel para bem se compreender o sentido do poema sebastianista que acaba, enfim, de tomar forma na «Mensagem» de Fernando Pessoa.

O sentimento sebastianista não é, entre os sentimentos característicos e proprios da alma portuguesa, o sentimento dominador, integrador dos outros, nem o mais forte sequer.

É, porém, entre todos, e acompanhando de perto o que a todos integra e domina, o sentimento do heroísmo—tão diferente do estoicismo espanhol, por exemplo—um dos mais característicos e, em verdade, dos mais fecundos. Quem quizer definir a alma lusitana, em toda a sua complexidade e profunda originalidade, terá de considerar a criação, evolução e manifestações do sentimento sebastianista.

Não cabe fazê-lo agora mas tão somente afirmar que a sua lenta evolução—pela «leia que enunciei logo de inicio e por circunstancias que se sentem no momento que vivemos e que o proprio poema revela—se consubstanciou, enfim, na obra que é a sua realizacão em poema alto e perfeito.

O sebastianista é anterior ao proprio D. Sebastião e á criação da sua lenda; determina-o, até, tal como nos surtiu e o interpretámos e em parte o criámos, pelo sentimento do Desejado.

Transcende a sua figura viva com o pensamento do Encoberto, nacionalista e messianista, faz das profecias historicas e de perspectiva de grandeza e continuidade que elas dão á vida de cada geração historica, um admiravel e fecundo elemento de criação.

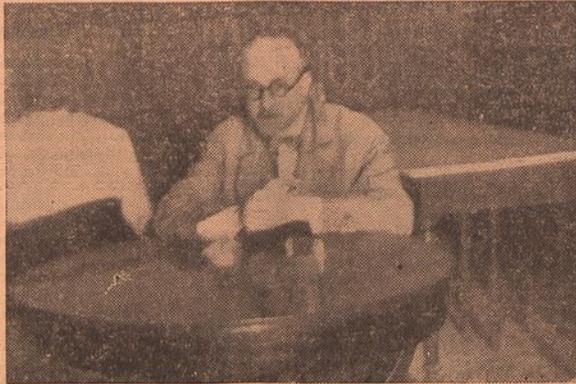
Encontramo-lo directo, espontaneo, popular, nas profecias do Bandarra.

Se não termos as palavras, nem no que elas possam engrandecer, nem no que elas possam deminuir e limitar, poderemos chamar a Fernando Pessoa—um Bandarra de genio.

Tudo o preparava para isso:—o seu nacionalismo propriamente místico, que existe porque sente em Portugal uma alma propria para redimir o mundo, depois de o ter desvendado; a sua consciente crença nos caminhos traçados pelos astros á vida humana; o seu conhecimento da ciencia que os procura entender e deles tirar ilações que são as tentativas de previsão—astrologia—e o seu alto valor poetico, enfim.

O que no Bandarra era espontaneo e intuitiva intuição, renasce purificado, engrandecido de interiorizacão e de pensamento, em Fernando Pessoa.

Um laço interior, mas visível, une a primeira exteriorizacão, fruste ainda, do sebastianismo á sua definitiva realizacão poetica na «Mensagem». O momento de criação não poetica, de criação reflexiva que deu forma de pensamento ao sebastianismo está entre as duas realizacões poeticas, dando sentido imediato á primeira e preparando a futura—para nós presente—síntese de pensamento e poesia. É



A secretária de Fernando Pessoa: uma mesa do café da Arcada

o pensamento sebastianista do Padre Antonio Vieira e o seu sonho do Quinto Imperio.

Sentiu o proprio Fernando Pessoa essa intima ligacão das três realizacões do sebastianismo exprimindo a continuidade dos três «Avisos»—Trovas do Bandarra, pensamento do Padre Antonio Vieira e o seu poema.

Manifestações multiples do sebastianismo encontramos-las em muitas outras criações literarias portuguesas, mas realizacões directas do sentimento e do pensamento sebastianista—não.

É não, por motivos de inferioridade ou de superioridade.

Admiravel síntese do que seria o sonho sebastianista, que a desgraça desfez para volver em maior misterio, é a dedicatória dos «Lusiadas» a Dom Sebastião e, no entanto, os «Lusiadas», porque são muito mais, não são um poema sebastianista.

E, não obstante, é Camões que impõe a primeira grandeza mística á pessoa de Dom Sebastião—quasi parecendo que pelo seu poema lhe impõe o destino—chamando-lhe a:

«Maravilha fatal da nossa idade Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,

Para do mundo a Deus dar parte grande».

Realizacões do pensamento e do sentimento sebastianista não são tambem as obras em que elas apenas reforçam outros motivos de sensibilidade.

O «Desejado» de Antonio Nobre não é—nem o seria, quando completo—porque é muito menos, um poema sebastianista.

Não pretendo, aliás, analisar as varias e, por vezes, grandes e nobres, manifestações do sebastianismo na poesia portuguesa, mas afirmar a aparição com a «Mensagem» de Fernando Pessoa da completa, total e definitiva expressão do poema sebastianista.

Para isso ele tinha de ser a realizacão—genial, mas limitada a este intuito e capacidade—da intuição das Trovas do Bandarra.

A propria forma da poesia de Fernando Pessoa—mas conseladora de medalhas do que construção de uma independente arquitectura poetica, ou livre harmonia musical—parecia talhada para a obra que realizou.

Os poemas da «Mensagem» tomados independentemente, cada um de per si, têm realmente um «cunho» de medalhas, ora voltivas ora alegoricas, com uma subita síntese, que é o seu lema, de uma vibração mais alta, como a um lema de medalha se impõe—um distico—às vezes um simples verso, que podem ser isolados sem que percam e, antes, por vezes, ganhem em humana grandeza.

Lemas admiraveis de medalhas para memorar o sofrimento humano:

«A gloria compra-se a desgraça».

ou a sua ansia:

«Sar desocontente á ser homem».

ou a vontade de Deus que dos astros desce:

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce» e o esforço humano que para os astros sobe:

«O esforço é grande e o homem é pequeno» ou a inabalavel firmeza da alma cheia de divino:

«Chelo de Deus, não temo o que vier, Pois, venha o que vier, nunca será Maior do que a minha alma».

Por vezes o lema da medalha perde o seu caracter de idea que o simbolo do poema procura exprimir, para ser uma imagem síntese—que tambem pode isolar-se:

Não é possível definir melhor, por uma imagem, toda a imensa grandeza do Infante D. Henrique do que neste distico:

«O unico imperador que tem, deveras, O globo mundo em sua mão».

Lemos em imagens, concentradas, sublimadas, talvez mais do que alegorias ou simbolos, são os disticos em que Fernando Pessoa exprime o nascer, em previsão e sonho, da missão lusitana, o germinar da imensa grandeza futura:

«E' o rumor dos pinhais qua, como o triplo De Imperio, ondulam sem se poder ver».

ou a sua afirmacão gloriosa:

«Que o mar com fim será grego ou romano: O mar sem fim é português».

Os poemas, tomados isoladamente, têm, todos, este caracter de medalha. Cada um deles reinvoca, para o explicar ante o presente e o futuro—principalmente ante o futuro—um momento do passado, ou interpreta a hora que, indicada por avisos que se sucedem á adivinhá-la, e por sinais dos tempos, nascida da incerteza, da dispersão e do nevoeiro. «E' a Hora».

Mas o seu verdadeiro valor nasce da sua aproximacão, da sua intima ligacão, dentro do poema completo, uno, que é a «Mensagem». E esse poema assim uno, formado de isolados poemas (como o ritmo é feito de numeros) transcende em beleza, para quem o pode viver nesse sentido oculto, na propria beleza expresso dos seus versos.

O numero 3, cristão (o numero da Trindade) e o numero 5, pitagorico (o numero do pentagrama) enfrentam-se, opõem-se e conjugam-se para prever o ritmo perfeito da nova idea e da nova era.

Voluntaria ou involuntariamente? Não importa.

Nem este problema aqui é posto senão para afirmar que tambem ainda no sentido inicial e oculto, e só porque o tem, este poema é, de facto, o poema do sebastianismo. Sem esse sentido não pode haver verdadeira comprehensão de toda a imensa grandeza do sebastianismo nem do seu poder fecundo.

A grandeza e inteira comprehensão do sebastianismo realizadas por Fernando Pessoa na «Mensagem» não podem sentir-se in-

tegralmente na leitura isolada dos poemas que a compõem. A arquitectura do poema, as suas grandes divisões, as suas subdivisões e o encaadamento e titulos dos poemas têm na «Mensagem» um valor excepcional.

No «Brasão» se mostra a força que no mundo, erguida pelas energias e sofrimentos (os castelos e as quinas) resistindo á dor, cumprindo um destino, coroada misticamente, mostra enfim o sentido eterno da grandeza passada. Assim um Brazão define, por sua natureza, a ascendencia—a historia do sangue e do passado.

No «Mar Português», a obra, unica no mundo, unica na sua razão de ser humana, dos Descobrimientos procura o seu sentido místico, afirma o seu retorno em grandeza e termina numa prece que, do sebastianismo, o faz entrever a grandeza do heroísmo:

«E outra vez conquistemos a Distancia Do mar ou outra, mas que seja nosssa»

No «Encoberto», aprofunda-se em desgraça o que fora acção exterior, ganha sentido místico a acção, revela-se em alma, e, renovando a síntese dos Templarios (eles, e só eles, no passado entreviram e, para si proprios, realizaram a síntese cristã e pitagorica afirma-se o novo simbolo:

«Na Cruz morta do Mundo A Vida, que é a Rosa».

e o sebastianismo se define—enfim compreendido e expresso por um grande poeta, pelo seu poeta—o simbolo final!

«Na Cruz morta e fatal A Rosa do Encoberto».

Poderá realizar-se, com tudo o que implica de imensidade, a profecia da «Mensagem»?

Sinal impressionante é, sem duvida, a existencia de um grande poeta que o pára viver essa profecia.

Mesmo para quem não crê nos destinos profundos que se realizam através das vidas efemeras, deve ter um sentido superior ao do acaso o aparecimento de um grande livro.

E depois... não nos acorda sempre, inclinatoria, misteriosa, a voz de ha tantos seculos, a voz de Nostra domus:

«Au plus profond de l'occident d'Europe...»

a voz que vibra, oculta, na «Mensagem», no poema, enfim realizado, do sebastianismo?

JOAO DE CASTRO OSORIO

Grandjô

Vinho branco de mesa, sem rival. O melhor para peixe, mariscos e caps. Ha tambem GRANDJÔ de 1919, 1918 e 1910

EVEL

Incomparavel vinho lito de mesa. Leve, saudável, digestivo, saboroso e perfumado. Ha tambem EVEL de 1921.

Tipos criados por Mr. Joseph Laborde, professor da Escola de Oenologia de Montpellier

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

Fornecedora da Presidencia da Republica
FILIAL DE LISBOA
RUA DO ALEGRIM, 119
TELEFONE 2 2666

PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

HENRIQUE DE VILHENA

NUM LARGO ENSAIO

afirma que estamos numa epoca de rejuvenescimento, embora sem coerencia intima

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—Em todo o campo da prosa pretende-se, de modo geral, a um sentido mais critico. Na novela e romance essa critica reveste aspecto mais psicologico; mais intencional e investigador deste ponto de vista que anteriormente. Na poesia ha sem duvida as caracteristicas de libertação do sentimento e da expressao dos modos e formas tradicionais ou, simplesmente, ja bastante usados.

—E quanto a ideologia? —Quanto a ideologia, nas obras propriamente de historia e critica e nas de expressaõ intencional sociologica, ha sobretudo o ou do lado progressivo na ordem de maiores libertades politicas e sociais, ou o nacionalista no aspecto integralista (como lhe chamam). Num ou noutro domina contudo o sentimento patriótico. Nos dois lados tambem e sem embargo sentido universalista, mais literario e imperialis no segundo, mais geral e humano no primeiro.

—Pode-se definir uma escola? Marca valores? Formas literarias?

—Em escolas propriamente talvez se não possa falar. Os portugueses não tem em regra o espirito adequado. Ou se tornam intolerantes e fazem do grupo uma seita, ou se mostram preocupados de suas intencões e talento pessoais. Mas se de alguma escola actual, literaria, se pode dizer, será entao precisamente a respectiva ao integralismo lusitano, assim dito, pois ha ali, em vista do objectivo social e politico, bastante homogeneidade de vistas e de elementos basilares, tal ou qual limitação de aspectos. Isto é apenas consignar o que nos parece um facto e não, de modo algum, designar preferencia ou louvor.

—E' claro, julgamos, não se deverá denotar de escola essa tendencia manifesta em todos os campos para um sentido mental mais critico, e igualmente a essa tendencia que o numero mais notavel dos que trabalham demonstra, por vezes brilhantemente, para mais livre campo de actividade politica e social, e de accao literaria e humana. E' um pouco dispersa contudo a actuacão correativa.

—Quanto ás formas literarias—romance, poesia, drama, etc.—não lhes vemos escola definida.

—Podem-se marcar valores, nestes ou naquelles conjuntos?

—Sem duvida, e dos mais apreciaveis. Diremos não poucos nomes, sem distincão das tendencias do espirito, e das idades pessoais, pois entendemos que os mais velhos, porque trabalharam e influíram, e continuam trabalhando e influindo, não estão fora, de modo algum, do actual momento literario. Valeremos apreciabilissimos ou notaveis, que assim se tem mostrado, quer na critica e na historia, em todo o sentido e extensao dos termos, quer no romance, novela e conto, ou no teatro: Julio Dantas, Leite de Vasconcelos, Ricardo Jorge, Joaquim de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Jeronimo de Freitas, José Carvalho, Teixeira Botelho, Antonio Baião, José de Magalhães, Agostinho de Campos, Teixeira Gomes, Queiroz Veloso, Duarte Leite, Luiz Xavier da Costa, D. Ana de Castro Osorio, D. Virginia de Castro e Almeida, D. Amelia Cardia, João Barreira, Alberto de Oliveira, Joaquim Leitão, Antero de Figueiredo, Antonio Sergio, Aquilino Ribeiro, Malheiro Dias, Afonso Lopes Vieira, Fideleiro de Figueiredo, Joaquim de Carvalho, Jaime Cortesão, Joaquim Manso, Hippolyte Raposo, Augusto de Castro, Reinaldo dos Santos, Leonardo Coimbra,

Toda a obra do dr. Henrique de Vilhena reflete uma incoercivel serenidade. Não é, apenas um critic por intelligencia, mas por temperamento, de resto afinado por uma invulgar cultura scientifica. O mestre de anatomia portuguesa, conhecendo profundamente todos os segredos da mecanica humana, a sua complicada arquitectura e a sua bizarra geografia muscular, emprega no estudo literario os mesmos processos de exactidão e de verificacão que usa nas lições universitarias.

Como muitos medicos portugueses, o dr. Henrique de Vilhena é um escritor de singulares qualidades. A sua tese «A expressao da coeherencia na literatura portuguesa», pode considerar-se um trabalho exemplar no genero, exaustivo de pormenorizacão, substancial de analise, que marca, talvez, o primeiro grande ensaio no genero, feito entre nós. O artista descobre a cada passo:

A sua interpretação revela ignoradas perspectivas da materia literaria, conseguindo em absoluto, eliminar, á força de sensibilidade, á aridez do assunto. E' mesmo a palavra sensibilidade que melhor define o escritor. Sensibilidade viva, humana, actiua, que tanto o acompanha na sua existencia como na sua obra. O mais curioso é que o espectáculo da morte, quotidianamente encarado, dissecado nos «marmoreos» da Escola Medica, não lhe embotaram o sentimento que ora examina a realidade mais cruel, ora penetra os horizontes mais dilatados do sonho.

Uma das suas facetas mais curiosas é a de psicologo. No «Jeronimo Valverde» e nas «Cartas de Amor», ele sonda profundamente a coracão humano, sem nada sacrificar á verdade, com um processo talvez idêntico ao de Proust. Em analises subtis consegue captar, Henrique de Vilhena ampliar as mais ligeiras palpitações do amor, nas suas interferencias escriptivas ou carniais, sem nada roubar á beleza.

Neste depoimento, que é um verdadeiro ensaio e que pela sua extensao, e excepcionalmente por ser subscrita por algum que, de facto, é das mais altas individualidades do nosso pais, temos que dividir em duas partes—Henrique de Vilhena, com grande serenidade escriptural, alcança a nota justa de critica. O seu pensamento coloca-se numa linha intransigente de neutralidade para desenharem numa severa planificacão a nossa carta literaria. Liles lê-lo.

bra, João da Silva Correia, Lobo Vilela, Vila-Moura, José Saraiva, Ferreira de Castro, Sousa Costa, Carlos Amaro, D. Emilia de Sousa Costa, Ramada Curto, Nêrberto de Araújo, Luiz Chaves, D. Julietta Ferrão, D. Aurora Jardim Aranha, Rodrigues Lapa, e ainda outros, não poucos, que, com pena, devemos omitir para abreviar, além dos mais recentes como Osorio de Oliveira, Carlos de Passos, Rodrigues Miguel, Gaspar Simões, Alves de Azevedo, Castelo Branco Chaves, Castro Osorio, Santana Dionisio, Tomaz Ribeiro Colaço, Vitorino Nemésio, Silvio de Lima, etc.

—E na poesia? —Eugenio de Castro, Guedes Teixeira, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoas, Correia de Oliveira, Alberto Bramio, João de Barros, Jaime Cortesão, José Lopes (de Cabo Verde), D. Branca de Gontá Colaço, D. Maria de Carvalho, D. Candida Alree, D. Virginia Vitorino, D. Laura Chaves, Fernando Pessoa, Pedro de Meneses (pseudonimo), Antonio Botto, José Regio, Casais Monteiro, etc., etc.

—Com pena tambem não falamos do jornalismo, em que alguns escriptores desenvolvem accção muito distinta, e deviamos ainda, para gravar melhor a idéa de que temos muitos cultores nos dominios mentais, apreciabilissimos, referir-nos ao professorado, ás artes plasticas e aos ramos scientificos, em que não seria difficil apontar-lhes e louvar-lhes.

—Com respeito a investigação e cultura científica, dizemos mais: o actual momento mental português em a seu favor essa investigação e cultura melhor organizadas, em relação ao seu tempo, do que o puderam ser nos seculos XVII e XVIII até Pombal (Reforma da Univ. de Coimbra), e pouco depois de Pombal, até o fim do 1.º decenio do seculo XX.

—Formas literarias, a marcar ou a definir?

—Ha duas, creímos, que no actual momento se destacam: o ensaio critico e a poesia, esta com esse caracter de libertação das antigas ou velhas formas, na emoção e na expressao.

—Rejuvenescimento ou crise?

—Pensamos que rejuvenescimento. Sua garantia está nestes escriptores e investigadores dos quais de tantos ctitimos os nomes, e em sua obra. E' rejuvenescimento um tanto disperso, sem coerencia intima, assim se pode pretender sem duvida. Mas é cedo para se poderem avaliar suas maximas intencões e seus efeitos, possivelmente concordantes, a trecho mais ou menos breve ou mais ou menos longo. Só hoje aprendemos bem o valor da geracão dita de 70, a significacão de seus homens mais representativos. Antero de Quental, Teofilo Braga, Eça de Queiroz, Ramalho e tantos outros têm levado seu tempo a serem julgados, e é ainda levado da obra de um ou de outro, discutirem-se os meritos essenciais. Não podemos ver com lucidez os homens e suas obras, do nosso tempo, tanto mais que o sentido critico apenas agora entre nós começa a difundir-se, e temos além de tudo o feito especial e tradicional de portugueses, que desandam não raramente entre a inveja e a prejugação que se nos releve diz-lhe.

—O valor da poesia. O materialismo estragou-lhe a expressao? Novas formulas poeticas?

—O valor da nossa poesia actual, não é verdade? Pode ella filiar-se, cremos, em Antonio Nbré, Cesario Verde, Eugenio de Castro e Guedes Teixeira. Depois, imediatamente no tempo, Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoas, Camilo Pessanha e Correia de Oliveira. Ha outros, sem duvida, mas apontamos os nomes dos de maior influencia. Hoje Fernando Pessoa—que colaborou no «Orfeu» com Angelo de Lima, Pedro de Meneses, e mais alguns— Antonio Botto, José Regio e Casais Monteiro

(directores da Presença, estes dois ultimos), entre piadada, continuam em moldes d'itos modernistas, em que a liberdade e o afinamento mais multiplo da emoção dominam e conduzem o ritmo, essa obra que veio em Portugal daquelles principalmente. Não é pois nossa actual poesia obra desligada, sem predecessores entre nós, é continuacão e valiosa.

—Sob o ponto de vista psicologico?

—A nossa alma reflecte hoje um sem numero de inquietações, de aspirações, de ansiedades, que andam no mundo, e através dela tambem se refractam. O lado mais suave e delicado dessas inquietações, aspirações e ansiedades pretende exprimi-lo o lirismo actual, e assim o nosso tambem, e não poucas vezes o consegue, como o podemos ver na obra dos poetas da hora presente. Vendo assim o caso, não se pode deixar de dizer que a poesia antepôs-se entre nós ao romance e á novela, no conceito e na expressao; leva sobre elles vantagem, porque a parte mais aguda e profunda de semelhante estado e disposicão espirituaria, que a que as romances podem dar, o nosso romance e novela estão ainda longe de o fazer. Ha, sem duvida, algumas tentativas, certos livros realizados muito distintos, nestes sentidos, mas o dominio melhor do nosso romance actual ainda está subordinado a movimento e visto exterior e ao estilo. O publico tem responsabilidade no caso, e a parte facil da critica, porque acham assim muito bom e louvam desde logo e enaltecem.

E analisando ainda mais fundo, o illustre professor diz-nos:

—Como ha contra os portugueses seu feito (perde-se nos ainda), tantas vezes invejosa e presunçosa, ha contra eles, no caso em questao, sua extraordinaria imaginacão verbal e seu brilhante sentido da apparencia e da liturgia. Esta toma-lhe frequentemente o lugar da fé e da creença, em si proprio, e aquella do valor em si das coisas. Nas palavras e na arquitectura de sua correlação, vêem o mesmo facto que poderiam ou queriam exprimir. As palavras do estilo quasi se lhes representam como a idéa ou sua essencia.

—Isto é de instinto por um lado, pelo outro de influencia de mais de dois seculos de educacão jeffuitica e tutela inquisicional. A palavra e o estilo desfarçavam a idéa, ou embriaciam-na, e substituiam-se-lhe. Hoje precisamente manifesta-se a crise, que daí vem, no caso importante, que é a da necessidade de ver e exprimir a alma humana, lucidamente e em suas profundezas. O nosso estilo florido, roçagante, fica ao de cima, e a nossa sensibilidade fascina-se com o seu brilho e todos nos vamos contentando.

—Quer dizer que a palavra sufoca a idéa?

—Pam nós, portugueses, o grande escritor não é o que diz limpidamente idéas exactas, o que consegue dar a emoção, a vibracão do sentimento no verbo e na sintaxe transparentes, mas sim o de estilo imaginoso, vivo, movimentado, de ostentação no tropo e na construcção, brilhante e colorido, eufonico e sinfonico... Temos tendencia a dizer do escritor que apreciamos: escreve muito bem, trabalha bem na lingua, cinzela-a maravilhosamente... etc., e não: pensa com originalidade, sente com elevação e profundidade, e diz-nos sua idéa e sentimento na linguagem mais correcta e adequada. De Queiroz, por exemplo: é um grande prosador, um artista exímio da lingua portuguesa; e não: é um romancista notavel, psicologo arguto, capaz de sínteses antinicas, etc.

(Continua no proximo numero)

(Continuacão da 4.ª pagina)

noivado. Casada, viveste esperando, consumida figura de saudade, nas horas da tarde, ao alto dos cristais, espiando o mar. Com o marido longe, criaste os filhos, ergueste, no chão pequenino, os muros do futuro lar. Mas, um dia, na abruptada surpresa dum radio ou na apiedada nova trazida num veleiro, a morte veio e afundou tudo, trouxe-te amargura e vivezes maior. Vestiste uma negra mortalha e, enterrada viva, guardada pelo feoz preconceito das gentes, viveste de morrer, com a alma sempre insatisfeita, cheia de pena e de carinho, á sombra dum pardieiro que não chegou a ser lar.

—Minha filha—não tenhas remorsos. Não tenhas crendas. Tu merecestes bem o ceu.—Pobre freirinha dum convento de regra dura, perdido ao meio do mar! Não tiveste as alegrias, as novidades e os consolos das tuas irmãs, mais felizes de Portugal. As tuas festinhas, os mastros e os balles pelo S. João?

—E pelo S. Pedro, Senhor S. Pedro, tambem, atalhou ella sorrindo...

UMA CRIOLA

bernecido de avó ou de mãe...—Entra, creouhinha da Brava, porque na terra ganhaste bem o ceu.

AUGUSTO CASIMIRO

(Do «Portugal Creoulos», a sair em novembro).

INDICE DAS PALAVRAS CREOULAS

- Ingre — ingreme.
- Gracia — grã.
- Boneto — plumas de bombardeira, — suma-uma.
- Sãbi — gostoso, doce.
- Sãdbrado — florido, desdobrado, aberto.
- Cuteio — outeiro, monte.
- Nhó Eugenio — O grande poeta bravemente Eugenio Tavares.
- Terral — o romper da manhã.
- Cun — alvo, branco.
- Morãbe — amoravel.
- Cãnis — ruas, esmalinos entre muros de pedra e sebes verdes.
- Tãto — maldade, peccado.
- Nãstã fla cussa d'reto — Estou a falar verdade.

—... Gozaste-as, continou o Santo agradecido, como uma crianca pequenina saboreia, com pena de acada-la, a perinha doce, a fruta verde ainda que lhe puzeram na mão.—Pecaste? Resgataste o peccado com o sofrimento. Foste huida e crucificada, abandonada com um filho nos braços? Lavaste-o com as tuas lagrimas, enrugaste-te, com ele no seio, sobre a terra que trabalhavas ou sobre a costura que magoava o peito, que te cegava os olhos! Choraste, no desamparo das rochas, á beira dos abismos, ao arrancar com as mãos feridas, a palha aspera, a lenha escassa com que compravas o pão! Passaste fome, sofrestes saudades, choraste e gemeste, andaste sózinha e desconhecida pelos teus proprios irmãos! — Não? — Eu calo-me, eu calo-me, sossega... Não chores, minha filha. Entra — e aconechava-a sobre o peito, á sua barba de neve, com um carinho en-

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

A agonia dum mundo

Quando appareceram os primeiros trabalhos de Ludwig Bauer, o publico interessou-se logo por esse pensador originalissimo que tinha a franqueza de expôr e espalhar um sistema de idéas claras e concretas sobre o meio que o rodeava.

O avarhecimento de «A guerra é para amanhã» valeu ao seu autor uma verdadeira consagração, não apenas entre os povos de origem germanica, mais aptos a receber as impressões e opiniões de Bauer, mas também entre francezes e ingleses que, mesmo desconhecendo-lhe alguns excessos explicaveis de imaginação, applaudiam nessa entrevista de forte verdade a dura um dos mestres mais atiladas do pensamento europeu contemporaneo.

«A agonia dum mundo» que firmou a celebridade de Bauer, é, sem duvida, um livro valioso, um depoimento cheio de vibração prestado pelo homem neste momento mais apto para interpretar a desorientação e a ansiedade geral.

A primeira parte do volume abrange a evocação rapida das causas que determinaram a falencia da sociedade tal como a concebiam os dirigentes no começo do seculo XX. O europeu de 1900 apparece-nos projectado no éter dum descrição vivida e impressionante desse periodo, com a verdade e a crueldade que costumam atingir os cirurgões a cujo cuidado se confia uma operação melindrosa.

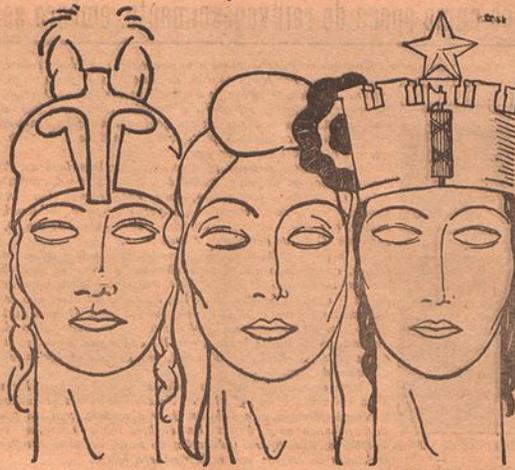
Bauer expõe com uma lucidez fria e cortante, a origem dos males de que o nosso tempo está sofrendo. Para ele, o sistema social, politico e economico que vigorava ha trinta annos sobrou por ter perdido eficiencia o elemento essencial que a sustentava e fazia a sua prosperidade. O flandrieta deixou de desempenhar uma boa parte das funções que lhe estavam consagradamente confiadas, e as mysticas novas e exaltadas surgiram a substituir esse forte estimulo de emulações e de triunfos. No amago da desorganização aparente em que o mundo se debate, Bauer coloca o fenomeno, incompreensivel para muitos, da desvalorização moral dos instrum. ...os de troca e de lucro. Assim, uma organização, que essencialmente repousava sobre a religião da pecunia, tinha de sofrer o abalo correspondente a essa perda de valor simbolica e real.

Depois de nos apresentar o homem de ontem, Bauer tenta esquivar as linhas gerais do pensamento e da acção do homem de a manhã, o homem de 1950. Os capitulos que dedica a esse analise valem, em muitos pontos, como literatura de imaginação da melhor marca.

Confessaremos que a imagem que o autor nos dá das gerações que devem surgir e mandar dentro de quinze annos, não apparece como das mais consoladoras. Essas gerações segundo Bauer terão a norte-a-las o principio dominante da obediencia, belansurando-se nos limites perigosos dos nacionalismos exarcebados e orgulhosos.

Viverão, assim, para o combate permanente, obcecados pela existencia dum inimigo, que tanto poderá ser o seu vizinho como o seu rival. A pratica dos desportos, arvorada em elemento condutor das multidões, terá não a função pedagogica da regeneração individual e colectiva, mas o objectivo espectacular das grandes victorias a conseguir em competições acirradas. O companheirismo, o sentido de camaradagem entre individuos do mesmo sexo ou de sexos diferentes

A ALIANÇA DA PAZ



Inglaterra

França

Italia

(Do "Journal.")

substituirá, destruindo-os, os grandes sentimentos do genio humano consagrou através dos seculos: a amizade e o amor. A uniformidade surgirá como regra geral imposta pelos estados que, anulando o esforço individual, accionará a mystica nova de que deriva a sua propria grandeza.

A lei fundamental da vida no futuro é a de que só a força decide e só ela merece ser respeitada. Ela criará no homem a força e o optimismo permanentes e indispensaveis á marcha regular de qualquer sociedade. Assim transparece na obra de Ludwig Bauer o culto pelas divindades que fizeram o orgulho e continuam a animar a existencia da sua terra. Esse fundo germanico, quando não surgisse em outras passagens capitais da obra do originalissimo pensador que escreveu a «Agonia dum mundo», teria a sua revelação nas expressões entusiasticas com que ele anteve as novas modalidades que o culto da força ha de criar. Acentuando no prefacio que explicou opiniões muito pessoais, Bauer presta um depoimento cheio de vivacidade e que poderá ser lido com o maior interesse.

Ludendorff

Fez ha pouco setenta annos o homem excepcional que, na apresentação macabra do nosso tempo, melhor conseguiu interpretar a figura do deus da guerra. Depois de assinada a paz de Versailles, o quartel mestre general dos exercitos germanicos decidiu-se a escrever as suas memorias, dois grossos volumes editados por Payot. Ao contrario de Triptily, que nos legou um quadro animado, e por vezes impressionante, das condições politicas que rodearam o inicio do conflito e o seu desenrolar, o general que venceu em Tannenberg, com o pseudonimo de Hindenburg, limitou-se a fazer a narrativa, por vezes fastidiosa, dos combates em que teve intervenção e de cujo desfecho quasi sempre decidiu.

É o relato minucioso dum tecnico escrevendo com a preocupação exclusiva de elucidar os seus camaradas ou os seus discipulos, e de demonstrar, com a razão da tactica e da estratégia, que nenhum responsabilidade lhe

cabe no desastre que coronou a acção das armas germanicas.

Depois de percorrer essas memorias, o leitor fica convencido de que Ludendorff reservara a sua imaginação extraordinaria apenas para os momentos decisivos do ataque a Liège, ou dos grandes combates no front occidental, durante essa primavera de 1918 em que a sua gloria subiu tão alto.

Mas com a tranquillidade da paz, o militar impetuoso e barulhento que já antes de 1914 se consagrara por algumas intervenções desrespeitosas, surgiu de novo. E então dedicou as suas melhores horas a escrever um panfleto guerreiro a que pôs o titulo de «1932, a guerra».

Nesse livro, Ludendorff, annunciando a guerra para 132, prevê a derrota da sua patria perante o esforço gigantesco dum a coligação orientada pelos politicos de Paris. As potencias internacionais, que ele frequentemente costuma estigmatizar, orientam o combate que conclui pelo aniquilamento do gigante alemão. Com propriedade, assinada o coronel Fabry no prefacio á edição francesa da obra que o autor procurava sobretudo com ela levantar o espirito dos compatriotas e levá-los ao convencimento de que só um forte exercito, munido de toda a moderna aparelhagem guerreira, evitaria a derrota e a servidão que ele tragicamente ia prevendo. Os acontecimentos não serviram senão para justificar os reparos oportunos do coronel Fabry. Restabelecida na Alemanha o servico militar obrigatorio, o estado nazista apressa-se a fazer a reabilitação de Ludendorff, consagrando-o como o maior cabo de guerra do seu tempo.

Leon Daudet, que em materia de antecipaçào da guerra tem escrito algumas paginas curiosissimas, ainda ha pouco o apontava no seu jornal como o chefe, com von Seeck, dos novos invasores da França, mais uma vez ameaçada.

Paul Valery e o Mediterraneo

Nice não é apenas uma cidade de praser, com o seu turismo artificial a servir do chamariz aos estrangeiros. Desde 1933 que existe ali um Centro Universitario Mediterraneo, dirigido pelo grande poeta Paul Valery. A curiosa instituição literaria que, ao principio pas-

sou despercebida, mereceu de Anatole Monzie, quando ministro da Instrução, o reconhecimento oficial.

O Centro Universitario estuda, principalmente, como o seu nome indica, o papel grandioso desempenhado pelo Mediterraneo, mar essencialmente latino — o antigo mare nostrum dos latinos — na evolução da humanidade.

Paul Valery, numa sintese maravilhosa de clareza, definiu a historia da civilização da bacia mediterranea, nestes termos:

«Nada mais admiravel que ver nalguns seculo nascer, dos povos que povoavam as margens deste mar, as mais preciosas e mais puras invenções intellectuais. Foi aqui que a ciencia se destacou das suas origens simbolicas, que a literatura nitidamente se diferenciou, constituindo-se em generos bem distintos, e que a filosofia ensaiou quasi todas as maneiras possiveis de examinar o universo e a si propria.

É por isto e para isto que a idéa de investigar o Mediterraneo se impõe com o estudo dum dispositivo — duma sorte de maquina — que fabrica civilizações. Como vêem, o Centro Universitario do Mediterraneo interessa-nos directamente. Ele representa tambem um pouco do nosso espirito, da nossa cultura. Quando se ouvirá, nas suas aulas, uma voz portuguesa, de acento inspirado, falar da civilização que fomos buscar ao Mediterraneo propagando-a em lusitanidade, através do mundo?»

UMA NOVA PELE BRANCA em 3 dias

Acabaram

os Felos

Pontos

Negros



os Poros

dilatados



as Rugas oriundas do Cansaço

Nestas três partes do seu rosto é que as imperfeições da pele se salientam mais nitidamente.

Recentes experiencias revelaram que toda a mulher pode, hoje em dia, branquear, amaciar e embellezar facilmente a sua pele, fazendo simplesmente uso, todos os dias, do Creme Tokalon, Gó Branca (não gorduroso). Ele contém agora creme fresco e azeite refrigerados, combinados com ingredientes adstringentes que branqueiam e tonificam. Penetra logo, acalma a irritação das glandulas da pele e contrai os poros dilatados. Os pontos negros são absorvidos e desaparecem. As rugas produzidas pela fadiga são eliminadas depois de uma só applicação. Mantem a epiderme mais ressequida numa ligeira humidade. Tira o brilho dum a pele oleosa e gordurosa. Este novo Creme Tokalon, cor branca, enfeita rapidamente a pele com uma beleza e uma frescura nova e incomparavel e dum a forma impossivel de obter de outra maneira. Peiti-lo nas perfumarias; não encontrando, escrever á Agencia Tokalon em LISBOA (secção D. L.). Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.